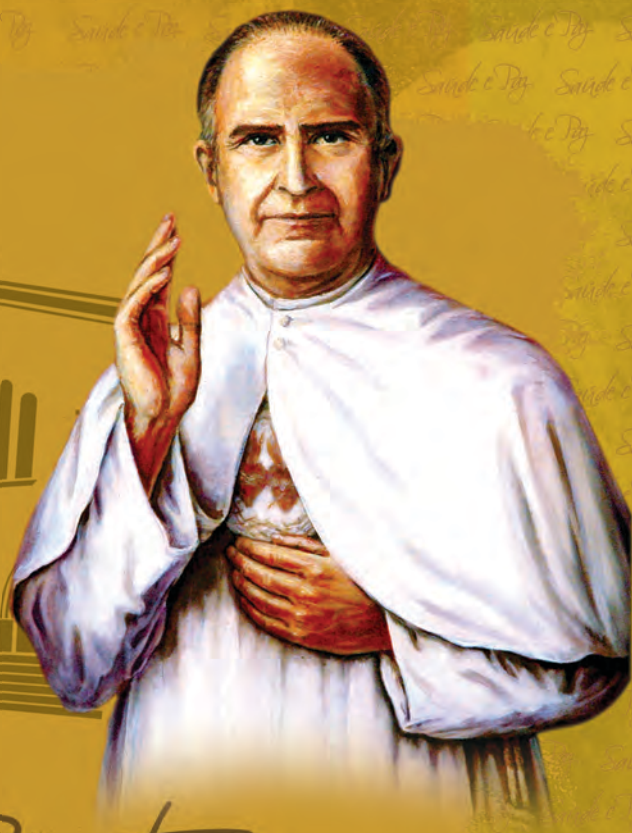
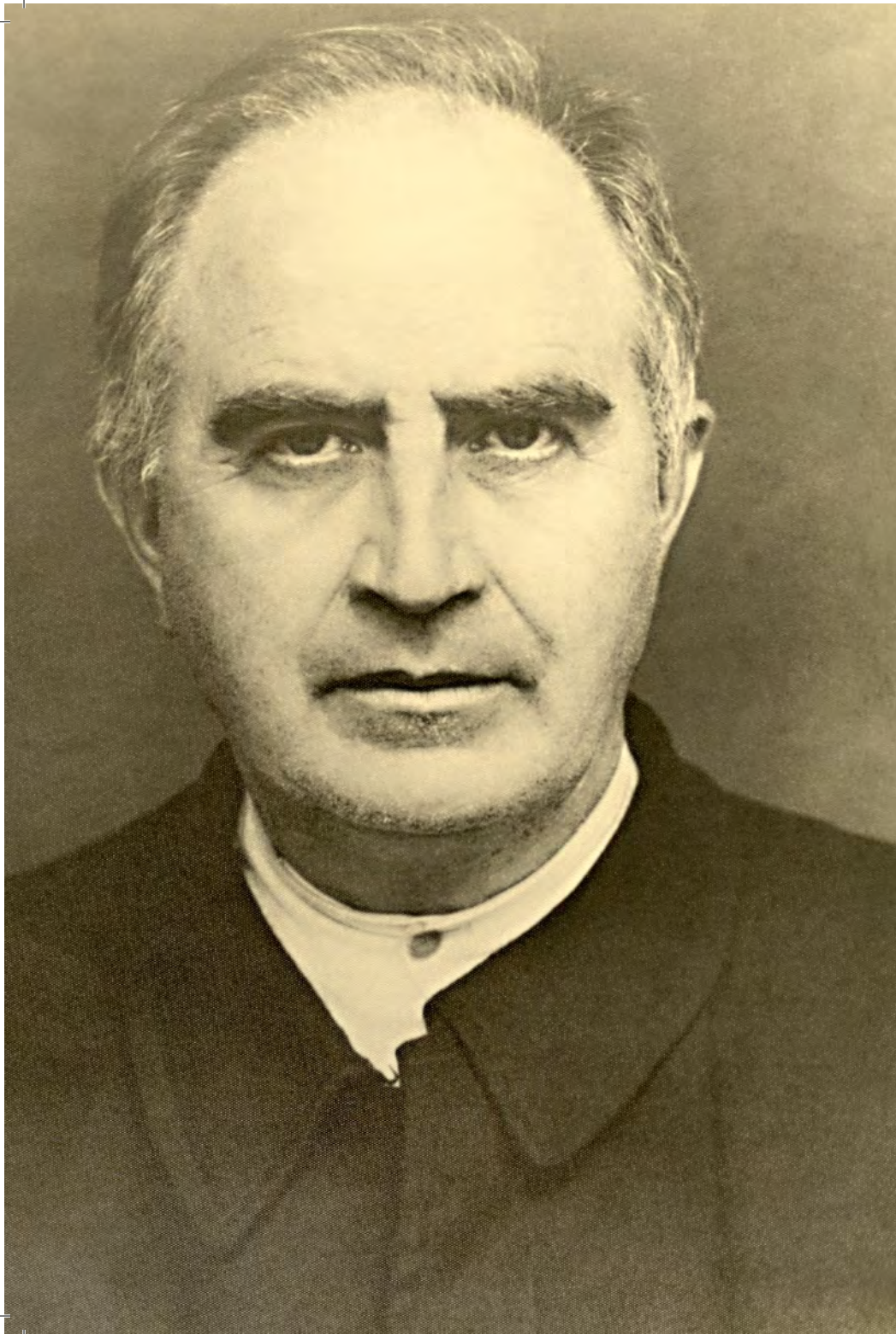




Beato
Eustáquio

Vida e Espiritualidade

Secretariado Nacional da Causa de Canonização



Secretariado Nacional da Causa de Canonização

Beato Padre Eustáquio Vida e Espiritualidade

Cronologia e seleção de fotos e textos
Prof. Me Leandro Castro

Espiritualidade do
Beato Eustáquio van Lieshout, SS.CC.

Autor: Pe. Angel Lucas, SS.CC.
Tradução: Pe. Dr. Walterson José Vargas

Organização: Pe. Marcus Vinicius Maciel, SS.CC.
Vice Postulador

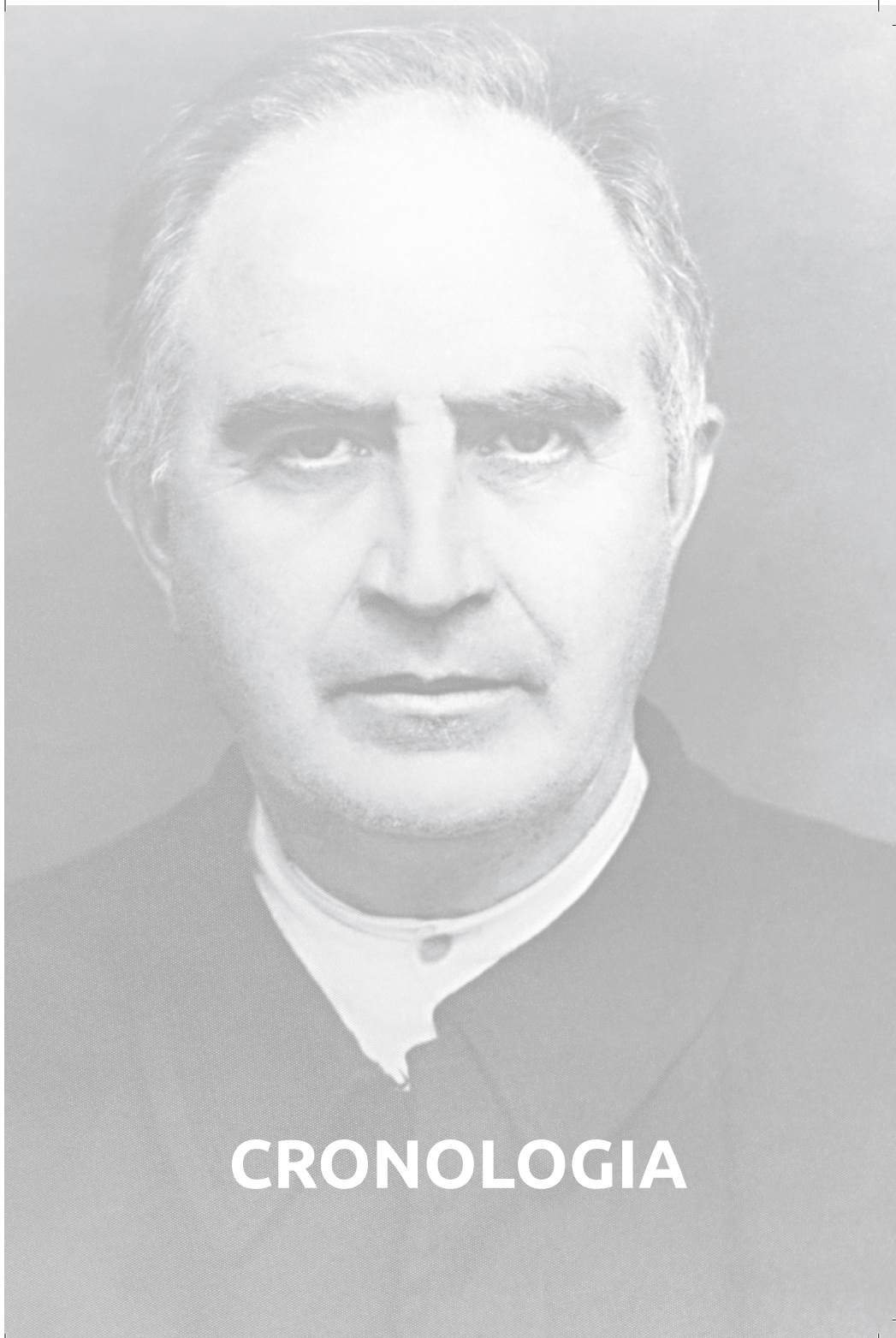
Homenagem e gratidão
Durante a preparação desta edição faleceram dois
grandes colaboradores da
Causa de Canonização
e entusiastas devotos.

Sra. Riet van den Boomen-Smets
esposa do sobrinho Jan van den Boomen
filho de D. Adriana irmã do Beato.

D. Luiz Mancilha Vilela, SS.CC.
Arcebispo Emérito de Vitória
Religioso da Congregação dos Sagrados Corações
Superior Provincial responsável pela conquista da
reabertura do Processo de Canonização em Roma, 1984

ÍNDICE

<i>Cronologia</i>	<i>9</i>
<i>Nascimento e infância.....</i>	<i>11</i>
<i>A Congregação dos Sagrados Corações e seus primeiros trabalhos pastorais</i>	<i>12</i>
<i>Romaria - Minas Gerais</i>	<i>14</i>
<i>Poá – SP.....</i>	<i>16</i>
<i>Exílio</i>	<i>18</i>
<i>Patrocínio e Ibiá - MG.....</i>	<i>19</i>
<i>Belo Horizonte</i>	<i>20</i>
<i>Morte</i>	<i>22</i>
<i>Devoção no túmulo do cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte -MG e início do processo de Canonização</i>	<i>24</i>
<i>Espiritualidade.....</i>	<i>27</i>
<i>Espiritualidade do Pe. Eustáquio Van Lieshout Ss.cc. ...</i>	<i>29</i>
<i>Memória histórica.....</i>	<i>29</i>
<i>Sua família</i>	<i>32</i>
<i>No Seminário dos Sagrados Corações</i>	<i>34</i>
<i>Ministério Apostólico:</i>	<i>41</i>
<i>Espiritualidade do Beato</i>	<i>50</i>
<i>Conclusão</i>	<i>74</i>



CRONOLOGIA

Nascimento e infância

“Oh, meu Jesus, eu vos amo! Eu vos amo com vossa cruz, com vosso sofrimento, com vosso amor imenso.” (Padre Eustáquio)



Padre Eustáquio nasceu dia 03 de novembro de 1890, em Aarle Rixtel, Holanda. Aprendeu com seus pais, Elisabeth van de Maulenhof (1859-1931) e Wilhelmus van Lieshout (1850-1924) a fé e o cuidado com os pobres. De suas irmãs três se tornaram religiosas. Foi coroinha e participava diariamente da Missa. Desde pequeno já dizia a seus familiares que desejava se tornar Sacerdote.



“Ele gostava de ir à Igreja, e no celeiro tinha costume de brincar de celebrar missa. Com idade de oito ou nove anos comunicou a um seminarista o desejo de tornar-se padre também. Os trabalhos da fazenda não o interessavam, pois ele não pensava senão no sacerdócio”.

(Depoimento de sua Irmã Faustina)

A Congregação dos Sagrados Corações e seus primeiros trabalhos pastorais

“Ganhar almas, aliviar as dores e sofrimentos, eis aí meu grande ideal inspirado por Deus”
(Padre Eustáquio)

Inspirado pelo testemunho de São Damião de Molockai ingressou no Seminário menor da Congregação dos Sagrados Corações em 1905, tornando-se sacerdote em 1919. Foi mestre de noviços e pregador de retiros. Se destacou pelo seu trabalho missionário em Massluis e Roelofarends-

veen. Em Massluis, a princípio não era bem recebido. Contudo, passou diariamente a visitar e cuidar dos enfermos. Com esse trabalho conquistou o respeito e admiração da comunidade. Por seu zelo e dedicação recebeu do Rei da Bélgica a condecoração de “Cavaleiro da Coroa Belga”.

“Nosso pai está indo embora’, porque ele realmente foi nosso pai. No pouco tempo que esteve na nossa paróquia, tornou-se verdadeiramente um de nós pela sua tarefa de director espiritual de várias associações religiosas, pela sua presença no confessionário, no púlpito, na igreja; Foi um de nós em seu escritório onde recebeu a todos; ele foi um de nós em nossas próprias casas, onde veio consolar os doentes, aconselhar-nos em situações difíceis, ajudar-nos financeiramente; ele tem sido um de nós por seu exemplo de humildade e modéstia, por sua piedade e senso religioso; ele tem sido um de nós sem exceção de ninguém, pobre ou rico”.



(Publicação do Jornal “Nossa Ambição” de Roelofarendsveen, referindo-se a saída do Padre Eustáquio, em agosto de 1923.)



Romaria - Minas Gerais

“Eu me tornei tudo para o povo, e nada acho pesado demais de fazer para eles.”

(Padre Eustáquio)

Padre Eustáquio foi enviado para o Brasil em 1925, juntamente com Pe. Mathias van Roy e Pe. Gil van den Boogart. Em Água Suja, hoje Romaria-MG, assumiu sua primeira missão de 1925 a 1935. Desenvolveu diversas atividades: restaurou a fé da comunidade, estimulou a criação de associações religiosas, construiu uma via sacra para meditação da paixão de Cristo, criou um cinema e passou a editar um

jornal. Foi professor, auxiliava os pobres e mantinha uma farmácia para atendimento aos enfermos. Também se dedicou a construção do novo Santuário de Nossa Senhora da Abadia. Sua saída foi fortemente contestada e sentida pela comunidade.





Recordo-me, com efeito, que morando minha família em Água Suja, quando o Pe. Eustáquio era pároco ali, minha mãe costumava recorrer ao Padre para qualquer enfermidade que acontecesse em nossa casa, já que no lugar não havia recurso médico. Pe. Eustáquio demonstrava ter conhecimento para atender àqueles casos, e efetivamente muitas vezes ele foi chamado para os casos de doença em nossa casa. Certa vez fui mordida por um cão e o Padre Eustáquio veio para fazer os curativos da mordida; dando-me a benção naquela ocasião. O fato é que aquela enfermidade passou. Quero salientar que o Padre Eustáquio chegou a minha cidade Água Suja, em 1925, contando eu então com quatro anos de idade e lá naquele lugar permaneceu ele por dez anos. Já nessa época se atribuíam ao Padre Eustáquio graças e curas de doenças.

(Depoimento de Diva Fernandes Hackbarth ao Tribunal da Causa de Beatificação e Canonização do Padre Eustáquio – Belo Horizonte – 18/05/1965)

Poá – SP

“Durante muito tempo, mas, sobretudo durante o ano passado, muita gente me procurou para a cura da alma e do corpo. E graças ao Bom Deus, muitas almas se converteram, muitos enfermos, também cegos e paráliticos, encontraram a cura através de uma simples benção.” (Padre Eustáquio)

Padre Eustáquio foi pároco em Poá-SP de 1935 a 1941 na paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Construiu uma gruta em honra de Nossa Senhora de Lourdes e disponibilizou água benta misturada com água que ele mesmo trouxera da França em sua peregrinação a Lourdes durante as férias na Holanda em 1935. Aos poucos cresce a fama da água abençoada por Padre Eustáquio, que levava a saúde onde quer que fosse usada. Os romeiros não se



contentavam mais em tirar a água, mas queriam ver o padre, falar com ele, pedir-lhe pessoalmente uma bênção. A fama de santidade e os milagres obtidos através das bênçãos do “Vigário de Poá” tomaram o imaginário popular e a imprensa. Com isso, multidões começaram a procurá-lo. O grande movimento causava transtornos para a cidade. Como alternativa em 13 de maio de 1941, seu superior, optou por transferi-lo.

“Esta água, dizia-se, tem uma força milagrosa e quem a bebe fica curado de qualquer doença!”
O povo de Poá conta histórias de paráliticos que começam a andar, de cegos que recuperam a visão, de mudos que começam a falar... A afluência de pacientes é enorme. Todos os dias, centenas de pessoas vêm buscar água em garrafas ou jarros, depois fazem fila para serem recebidas pelo santo homem que abençoa sua água, ouve suas misérias, fica sabendo de suas doenças e lhes dá bons conselhos. Eles se entregaram às suas orações. Ele impõe as mãos sobre todos, dizendo-lhes que rezem um Pai Nosso e uma Ave Maria quando beberem a água, e se despede com uma pequena relíquia de São José”.

(Pe. Venancio Hulselmans - 15 de abril de 1941)

Exílio

*“Conformemo-nos sempre com a vontade
d’Aquele que tudo prevê, tudo governa, tudo
dirige.” (Padre Eustáquio)*

Por onde passava atraía multidões. Em 1941, esteve em diversas cidades: no Rio Janeiro, Campos do Jordão, Campinas, Araguari. Estando no Rio foi aconselhado pelos superiores, a passar um período escondido das multidões na fazenda São José, em Rio Claro, SP. Até seu nome foi trocado para Pe. José. Em espírito de resignação compreendeu que era necessário retirar-se. Atendia às pessoas que moravam na fazenda, no entanto, foi reconhecido. Mais uma vez foi necessário transferi-lo.



“Como sabeis passei um tempo de retiro na fazenda São José em Rio Claro. Foi para mim não somente um tempo de descanso, embora que me ocupei com 800 colonos ali residindo, mas também um santo tempo em que fiquei conhecendo cada vez melhor a vontade adorável de Deus. Sempre me vem aos lábios como Deus é grande, mas deveras, todos os dias estou reparando mais e mais que nós somos muito míopes para a grandeza de Deus. Oh Deus infinito, em cujas profundezas nosso pobre espírito de perde. Apenas podemos balbuciar: Santo, Santo, Santo, Deus e Senhor!”

(Carta de Padre Eustáquio para Sr. Francisco e D. Alice, sem data, Patrocínio)

Patrocínio e Ibiá - MG

“Achei meu grande consolo em consolar aqueles que sofriam e padeciam.”
(Padre Eustáquio)

Padre Eustáquio chegou a Patrocínio em outubro de 1941. Residia na comunidade do Colégio Dom Lustosa e tornou-se Capelão da Capela de Santa Luzia. Atendia no confessionário, onde conseguiu muitas conversões. No dia de 2 de Fevereiro de 1942 Padre Eustáquio foi nomeado vigário da Paróquia de São Pedro de Alcântara de Ibiá e tomou posse no dia 18 de fevereiro daquele mesmo ano. Embora por um curto período, Padre Eustáquio celebrou uma semana santa e deixou o projeto de uma Santa Casa, que hoje leva seu nome.



“Graças ao Bom Deus, todos os dias, conto com algumas conversões. Pessoas que anos e anos viviam afastadas de Deus e da Igreja, vejo voltar aos braços no nosso Divino Mestre. Quanto não há de transbordar o Coração de Jesus de verdadeira alegria! E eu não me sinto menos feliz com tantas ressurreições espirituais.”

(Padre Eustáquio)

Belo Horizonte

*“Saúde para vossos corpos e
paz para vossas almas”
(Padre Eustáquio)*

Padre Eustáquio chegou a Belo Horizonte em abril de 1942. No confessionário, na Capela Cristo Rei, se dispunha diariamente a atender todos aqueles que o procurava. Foi adotado o sistema de senhas a fim de organizar o fluxo de pessoas. Pregou retiros em diversas cidades.

Além disso, empenhou-se para a construção da Matriz dos Sagrados Corações.



“Como todo sacerdote fervoroso, o Padre Eustáquio chegava às 5 horas da manhã, trazendo o Santíssimo Sacramento. Depositava-o no Sacrário, fazia uma genuflexão e pequena adoração e dirigia-se ao confessionário, onde permanecia até 7 horas, horas da missa. Celebrava a Missa e voltava para o confessionário, onde permanecia, no começo até 11 e 11h30 e, depois de feito o horário até as 21 horas.”

(Depoimento de Maria Evaristo dos Santos – Auxiliar de Padre Eustáquio na Capela Cristo Rei – ao Tribunal da Causa de Canonização – 07/02/1963)

Morte

“Não me vereis mais, mas meu amor por vós não morre: continuarei a recomendar-vos a Deus.”

Pouco mais de um ano após sua chegada à capital mineira, em meio ao intenso trabalho pastoral, contraiu tifo exantemático. Suportou sua enfermidade com coragem e confiança em Deus. Rezava o terço incessantemente. Faleceu na manhã do dia 30 de agosto de 1943, sendo suas últimas palavras, “Deo Gratias”, em português, “Graças a Deus”. Filas intermináveis se organizavam para despedir-se do bondoso sacerdote. Milhares de pessoas acompanharam seu velório e sepultamento.





“Apesar de toda a recomendação de precaução contra a doença que vitimou Padre Eustáquio, o povo não respeitou os cordões de isolamento e toda outra iniciativa, mas lançava-se sobre o caixão, para retirar pedaços da batina do Padre Eustáquio e as flores que estavam sobre o caixão. Multidões ajoelhadas em soluços, rezando de mãos postas.”

Depoimento de Juscelino Kubitschek ao Tribunal da Causa de Canonização – 07/02/1963)

Devoção no túmulo do cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte -MG e início do processo de Canonização

“A alma de Frei Eustáquio é o sossego dos pobres.”

(Relato anônimo, 1944)

“Uma sepultura chamava no dia Finados a atenção geral. Era para lá que todos se encaminhavam. As pessoas iam a outras sepulturas, mas iam lá também. Não era fácil tocá-la, porque enorme era a multidão que a cercava, renovando-se sempre, mas não diminuindo nunca. Que estranha criatura era aquela que ali se encontrava, com tão inumeráveis parentes ou amigos? Era a cova de padre Eustáquio, que motiva o espetáculo impressionante, nunca visto, em Belo Horizonte, desde o dia em que foi inaugurado o cemitério do Bonfim. Era curioso que milhares de mãos levavam flores e, entretanto, o túmulo permanecia sem flores. E que outras milhares de mãos corriam a retirá-las, para guardá-las, considerando-as relíquias, apenas porque ticaram a terra da sepultura do sacerdote... Era um tributo da cidade inteira.

(Crônica de Moacir de Andrade, 02/11/1943)

Seu túmulo tornou-se lugar de devoção e peregrinação. Toda segunda-feira, no dia de finados ou no dia 30 de agosto, devotos se dirigiam ao túmulo para pedir a intercessão do Padre Eustáquio. No final de 1948 a Matriz dos Sagrados Corações já estava sendo concluída. Em 1949, os restos mortais do Padre Eustáquio foram transladados para a Matriz dos Sagrados Corações.



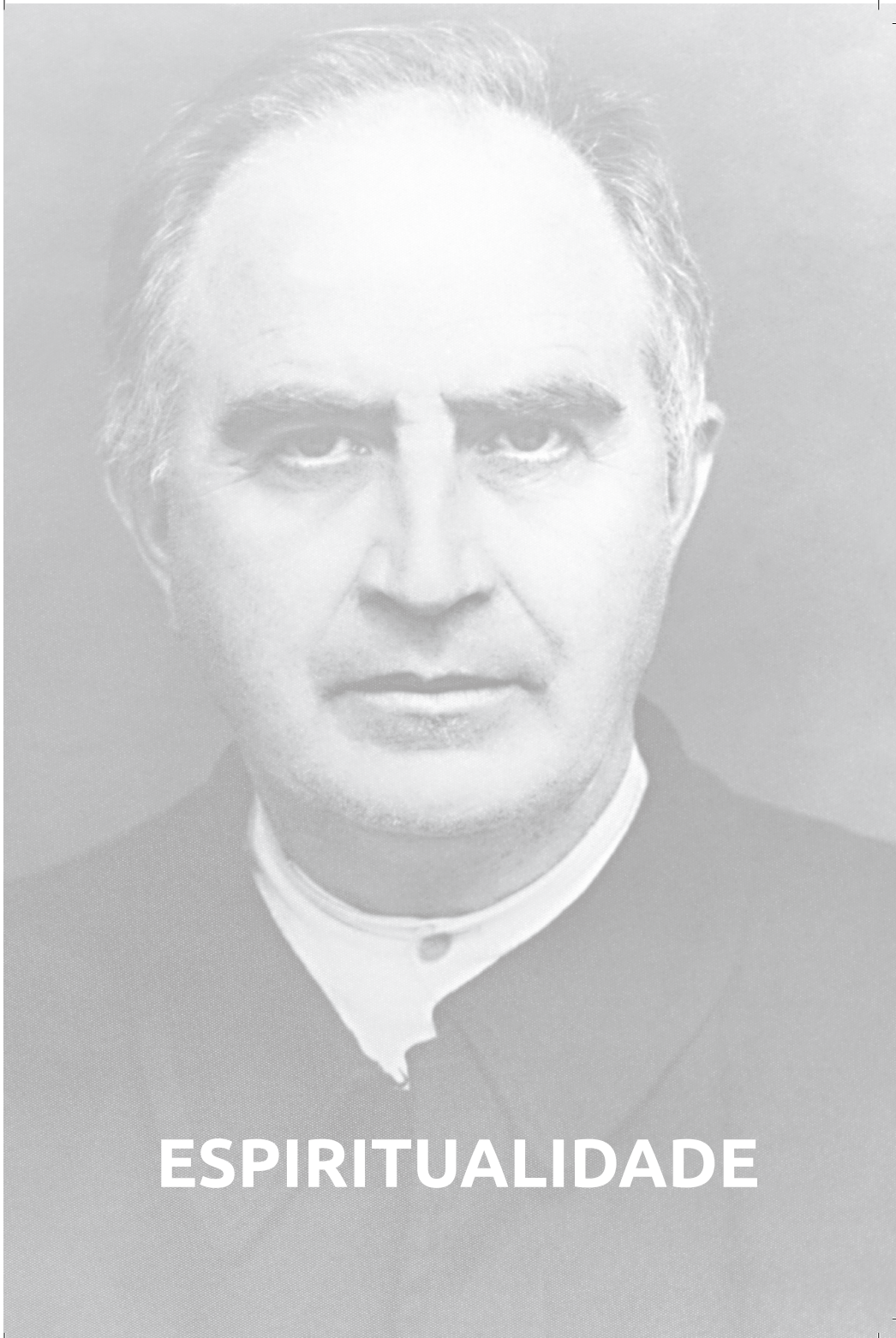
Em 1956 foi iniciado o processo de Beatificação e Canonização. Em 2005 o Papa Bento XVI reconhece um milagre por intercessão do Padre Eustáquio. No dia 15 de junho de 2006, Padre Eustáquio tem seu nome inscrito na Lista dos Bem-aventurados da Igreja.



“Roga por nós, Padre Eustáquio, vela por nós com amor. Confiamos em vossa bondade, junto a Deus nosso intercessor!”

“E o milagre da beatificação? Deus o mandou em forma de carinho e de ternura. Em certa manhã de uma quinta-feira, Padre Gonçalo Belém Rocha pediu que Dom João e eu o recebêssemos no Palácio Cristo Rei. Tinha algo de importante para comunicar-nos. Nós o recebemos, sem saber o teor do que havia acontecido. Vinha despedir-se de nós, pois fora constatado um câncer na sua garganta. Ia ser operado segunda-feira e, provavelmente, não falaria mais, em razão de possíveis decorrências da malignidade do tumor. Ficamos transtornados. Chorava o Padre Gonçalo Belém, chorávamos nós dois com o amigo e filho. Assim nos despedimos. Dom João olhou para mim, olhei para Dom João e veio-me uma inspiração. Eu disse: “Dom João, vamos subir à Capela e pedir expressa e fervorosamente a Deus, que pela intercessão de Padre Eustáquio, cure o Padre Belém.” Passamos uns minutos rezando. E colocamos aquele sacerdote no coração de Deus, pelas mãos do Padre Eustáquio. Na operação, segunda-feira, quando Padre Belém foi levado para a sala de cirurgia, algo de impensável havia acontecido. Os médicos entreolhavam-se, mas o raio X comprovava: “não havia nada a ser extirpado.” Alguém chegara antes! E aí está o Padre Belém, são e forte, ex-voto vivo do milagre de Deus!”

(Depoimento de Dom Serafim, 2006)



ESPIRITUALIDADE

Espiritualidade do Pe. Eustáquio Van Lieshout SS.CC.

Buscando, se não completar, pelo menos oferecer uma ajuda à compreensão da figura do Beato, Pe. Eustáquio van Lieshout, pretendo fazer uma síntese de sua espiritualidade, de como ele viveu no período de seus cinquenta e dois anos de vida, em íntima união com Deus, no amor a Deus e ao próximo, como também na prática das principais virtudes, em sua especial devoção aos Sagrados Corações, ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia e a São José. Tudo num verdadeiro espírito de oração, de autêntico e incansável apostolado, e numa humilde e fiel submissão às autoridades, tanto eclesiásticas como religiosas.

Memória histórica

Três são os períodos de tempo que podemos considerar em sua vida:

- Vida em família
- Vida religiosa: anos de formação religiosa
- Vida apostólico-missionária

O **primeiro período** compreende os *anos da infância* (nasceu no dia 3 de novembro de 1890, em Aarle-Rixtel, Holanda) e da *primeira formação nas escolas elementares*: um ano no Instituto de São José, dois anos na Escola Latina de Gemert, três anos no Seminário Menor dos Sagrados Corações (de setembro de 1905 a setembro de 1913).

O segundo período, tempo de *formação religiosa*, compreende desde o princípio do noviciado em Tremelo, 10 de setembro de 1913; os primeiros votos, 27 de janeiro de 1915; os votos perpétuos, em 18 de março de 1918; os estudos superiores: filosofia em Grave e Tilburg, teologia em Bavel, e a ordenação sacerdotal em 10 de agosto de 1919, em Bavel.

O **terceiro e último período** compreende o seu ministério apostólico:

- *primeiro na Holanda (1919 a 1924)*: como ajudante do mestre de noviços, como capelão dos imigrantes de Valonia em Maasluis, e como vigário coadjutor na paróquia de Roelofarendsveen, diocese de Haarlem naqueles tempos.

- *e depois no Brasil*, aonde chega em 12 de maio de 1925, no Rio de Janeiro, até 30 de agosto de 1943, dia de sua morte.

- **15 de Julho de 1925**: começa o seu primeiro trabalho apostólico em terras brasileiras, juntamente com outros 3 companheiros: na *Paróquia de Nossa Senhora da Abadia, em Romaria*, pequeno povoado chamado naquele tempo de “Água Suja”.
- **2 de março de 1926**: assume como *pároco de Romaria e de outras duas paróquias*: São Miguel, de Nova Ponte, e Santana, de Indianópolis.
- **15 de fevereiro de 1935**: é nomeado *pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, em Poá* (estado de São Paulo).
- **13 de maio de 1941 a 13 de outubro de 1941**: escondido em obediência na *Fazenda São José*.

- **13 de outubro de 1941:** no Colégio Dom Lustosa, em *Patrocínio (MG)*.
- **12 de fevereiro de 1942:** Trabalho provisório na Paróquia de *Ibiá (MG)*.
- **7 de abril de 1942:** nomeado *pároco na Igreja de São Domingos, paróquia muito pobre, em Belo Horizonte*.
- **30 de agosto de 1943:** *morte do Beato, em Belo Horizonte*.



Quando se conhece um pouco da história da vida do Pe. Eustáquio van Lieshout se vê que de alguma forma ela manifesta a grandeza do homem que encontra o sentido de sua vida no doar-se pela causa do Reino, vivendo os valores evangélicos, o amor a Deus e ao próximo com simplicidade, generosidade e esquecimento de si mesmo. Esta foi a realidade da vida espiritual deste Beato: uma entrega total a Deus na intimidade da oração, no cumprimento de seus deveres sacerdotais e religiosos, num grande zelo pelo bem das almas, numa entrega total e desinteressada para com Deus no próximo, particularmente no próximo mais necessitado, mais pobre: *“...porque este homem e este padre, de alma excepcional, repleta de caridade cristã, tinha o dom de congregar em torno de si os que sofrem e esperam, os que desejam servir a Deus e à sua Igreja, os precisam de uma palavra de conforto e de orientação, os que querem servir ao seu próximo por amor a Deus”*¹.

1 *Processo do Pe. Eustáquio*, Sumário, Documentos, pp. 661-662, “Folha de Minas”, do Sr. Oscar Mendes.

A) Sua família

Sua família era do campo, muito religiosa, fiel e obediente à Igreja Católica. Morava no sul da Holanda, no Brabante. Seu pai era um homem do campo, tenaz, duro, perseverante e religioso. De sua mãe emanava algo especial: dedicada aos filhos, cheia de uma grande bondade e solidariedade para com os sofrimentos dos outros. *“Trabalhar e rezar eram as duas coisas que se faziam na casa... éramos 11 filhos: 8 mulheres e 3 homens, ‘dos quais um se tornaria sacerdote religioso e 3 entrariam no Convento’, nas Irmãs de Schijndel”*². Os pais *“eram respeitados e amados por todos os filhos”*³. *“Desta maneira criaram um ambiente agradável e sadio em torno da família, estreitando os laços de confiança e amor entre os pais e filhos, e incentivando o amor fraterno entre os filhos mutuamente”*.⁴

Encontramos assim no ambiente familiar a base das virtudes do Beato: fé profunda e firme, confiança sem limites na bondade da Providência divina, amor sobrenatural para com Deus e seus mandamentos, obediência cega aos mandamentos da Santa Igreja, amor cristão para com o próximo através das obras de misericórdia.

É importante notar que essa piedade e religiosidade exemplares não são coisa exclusiva da família van Lieshout, mas de todos os católicos do Brabante.

Por isso, vivendo neste ambiente, não é de se estranhar que já nos primeiros anos de vida o Beato se manifeste amigo da oração e goste de ir à Igreja, como afirma sua irmã Faustina: *“la contente à Igreja e num recanto escondido”*.

2 *Testemunho III: Proc. Rog. Na Cúria Buscad.*, Adriana van Lieshout, ad. 5.

3 *Ibidem*.

4 *Documento 10*, Ir. Faustina van Lieshout.

dido celebrava a seu modo a missa ‘seca’. Tinha uns 8 ou 9 anos quando disse a um seminarista: ‘eu também serei sacerdote’. O trabalho do campo não lhe interessava muito porque aspirava o sacerdócio”⁵.

O mestre Hamelinck dizia: *“o jovem tem uma vontade de ferro”, mas desaconselhou a seu pai levá-lo para estudar em Gemert “porque talvez não desse conta dos estudos”⁶.*

Foi o coadjutor da Paróquia, Rev. Janssen, quem descobriu a sua possível vocação ao sacerdócio, e obteve do pai do Beato a permissão para levá-lo à Escola Latina de Gemert, aonde ia e vinha todos os dias caminhando a pé durante uma hora, e isto durante um ano e meio.

“Em Gemert, Huub (assim era chamado familiarmente, pelo nome de batismo, Humberto) encontrou um livrinho sobre o Pe. Damião de Veuster, e ficou impressionado com a sua vida”⁷.

É interessante, e creio que é necessário observar, como todos os testemunhos, tanto familiares como dos companheiros de estudo, falando da possível vocação do Beato, se referem unicamente a este fato da leitura da vida do Pe. Damião feita pelo Beato.

Aos 11 anos fez a sua primeira comunhão em Beck, em 1901.

O seu pai pensava nele como um possível ajudante na fazenda, e que mais tarde lhe sucedesse. Mas, não vendo nele um tal desejo, lhe disse um dia: *“Eu esperava com*

5 Ir. Faustina van Lieshout: *VI testemunho*, Pro. Rog. na Cúria Buscod., ad. 5.

6 *Ibidem*.

7 *V testemunho*: Wilhelmina, Proc. Rog. na Cúria Busc., ad. 6.

*entusiasmo que fosses um dia meu ajudante". Ao que ele respondeu: "Oh, papai, eu desejo tanto ser sacerdote"*⁸.

B) No Seminário dos Sagrados Corações

*"No dia 25 de setembro de 1905 iniciou os seus estudos no seminário menor dos Padres dos Sagrados Corações, em Grave. Tinha uns 15 anos. Teve que estudar muito para passar nos exames. Certamente não era um dos melhores da sala... mas os seus esforços eram patentes a todos, como também a sua piedade exemplar e o seu grande espírito de oração"*⁹. *"O superior dizia sempre: não vai bem nos estudos, mas o seu zelo repara tudo"*¹⁰. E ele sofria muito, não porque não pudesse suportar a humilhação, mas porque temia não poder chegar a ser sacerdote.

Manteve-se firme neste desejo de tornar-se sacerdote em meio às dificuldades e à opinião de seu pai que, embora não o impedindo, reconhecia a sua debilidade nos estudos para chegar ao seu intento. Por isso, quando um dia disse ao filho: *"Filho, você não pode com os estudos"*, obteve a seguinte resposta: *"eu farei o melhor que possa, mas devemos ter mais confiança em Nosso Senhor e as coisas vão melhorar"... "esta confiança em Nosso Senhor era uma característica sua. Desde jovem vivia em intimidade com o Senhor"*¹¹.

Sua devoção à Virgem Maria era visível naqueles anos, e a expressou construindo no jardim da casa paterna uma pequena gruta para Nossa Senhora de Lourdes, onde ele mesmo rezava diante da imagem, obrigando suas irmãs a fazerem também o mesmo.

8 *VI testemunho*: Ir. Faustina, ad. 6 (Pro. Fol. Tr. 53).

9 *II testemunho*, Pe. Cyrillus Grondhuis, Proc. Rog. na Cúria Busc., ad. 6.a.

10 Ir. Faustina, Doc. no 10o, pág. 86.

11 *VI testemunho*: Ir. Faustina, ad. 6 (Pro. Fol. Tr. 53).

Desde que entrou no noviciado *“mostrou-se um noviço exemplar e inteiramente dedicado à obra de sua Congregação, a serviço dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria na Congregação”*. O mestre de noviços e seus companheiros de noviciado o admiravam como um noviço exemplar e generoso. A sua seriedade e o seu recolhimento eram notáveis.

Quando o noviciado foi interrompido, por causa da invasão dos alemães, e os noviços voltaram às suas famílias, o irmão Eustáquio preferiu permanecer num ambiente de claustro em lugar de voltar para a casa paterna. Por isso pediu alojamento no convento religioso de Beck, onde residia uma de suas três irmãs religiosas, e o obteve. O Beato reconhecia que no convento poderia viver melhor a sua vida espiritual, ao mesmo tempo que poderia fazer algo de bem entre os velhinhos e os enfermos hospitalizados no Instituto anexo, coisa que já tivera oportunidade de fazer alguma vez durante as suas férias. *“Empregava seu tempo na oração, no estudo e nas visitas aos enfermos do hospital, para exercitar-se em fortalecer-se para a sua vida de missionário, como ele próprio dizia. Quando chegou de Grave a notícia de que se havia aberto o noviciado, sentiu-se feliz porque poderia voltar ao seu convento”*.¹²

*“Eu vivi com o Pe. Eustáquio no noviciado e tive sempre a impressão de que se encontrava aí perfeitamente bem e contente. Creio que não teve que mudar muito em sua orientação pessoal. Era, como sempre, sério e muito religioso. O noviciado não foi para ele uma vida completamente nova e diferente. Cumpria muito fielmente os seus deveres, incluindo os seus deveres espirituais”*¹³.

12 Ir. Faustina van Lieshout, Doc. no 10o , pág. 86 (tr.).

13 *II testemunho*: Pe. Cyrillus Grondhuis, Proc. Rog. na Cúria Busc., ad. 7 b-c.

O beato, depois do tempo transcorrido no noviciado, pronunciou os votos simples de pobreza, castidade e obediência, como religioso candidato ao sacerdócio, na Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, *“em cujo serviço quero viver e morrer”*, como ele expressou segundo a fórmula de Profissão Religiosa da Congregação.

Em uma carta aos seus pais e irmãos, escrevia a propósito da Profissão Religiosa: *“aquele foi um dia que ninguém poderá tirar da minha memória. Pode ser comparado ao dia da minha Primeira Comunhão, mas em certo sentido foi muito melhor, pois na Primeira Comunhão nós recebemos Nosso Senhor, e agora por outro lado nós nos damos a Ele”*¹⁴.

“Eustáquio levava muito a sério a vida religiosa. Isto se via claramente em sua fiel observância às prescrições da Regra e ao regulamento. Desde este ponto de vista, ele era um exemplo para todos nós. O que mais me chamava a atenção nele era a sua profunda piedade. Esta podia ser notada também exteriormente... Sabíamos que seu comportamento era a expressão natural de seu estado de ânimo interior... Durante o recreio se mostrava um companheiro amável. Era, no meu modo de ver, tímido por natureza, manifestava com decisão sua opinião, mas evitava toda tipo de disputas acaloradas”.¹⁵

*“Com relação a seu caráter posso dizer que era verdadeiramente um bom companheiro: alegre, e que sabia aceitar brincadeiras. Era vivo, e às vezes podia reagir bruscamente. Era muito querido pelos outros companheiros... Era sem dúvida um jovem bom, com uma piedade sadia e sem nenhum fanatismo...”*¹⁶.

14 *VI testemunho*: Ir. Faustina, Proc. Rog. na Cúria Busc., ad. 7 f-g.

15 Pe. Edgardo de Coster, *Doc. n° 8°*, p. 638, (tr. P. 82).

16 *II testemunho*: Pe. Cyrillus Grondhuis, ad. 5 e 6 (Pro. fol. tr. 18).

Em fevereiro de 1916 foi para Ginneken, onde estudou teologia até 1919: *“no princípio o irmão Eustáquio era um estudante fraco. Tinha pouca memória e pouca inteligência para as questões metafísicas. Mas pouco a pouco conseguiu uma intuição teológica. Seu critério nas questões práticas pastorais era mais que suficiente... Não foi nenhum problema para os professores admiti-lo à ordenação por causa de sua capacidade intelectual. O Beato era um religioso fervoroso e zeloso... O que sobretudo chamava a atenção no Beato era a sua devoção ao Santíssimo Sacramento. Na capela era sempre digno de ver o seu comportamento religioso: suas devotas genuflexões, o permanecer continuamente de joelhos sem apoiar-se nos cotovelos. Dava a impressão de ser um irmão que sabia rezar. Fazia freqüentemente a ‘Via-sacra’, dando também neste piedoso exercício a impressão de rezar tranqüila e devotadamente”*¹⁷. Pe. Gil van Boogaart conta um pequeno episódio referente à sua dificuldade nos estudos, onde se manifesta em quem se fiava e onde punha a sua confiança: *“nos três dias que precediam os exames, ele dedicou-se a fundo, mas diante da dificuldade que experimentava, esteve a ponto de desanimar; fechando os livros saiu para rezar”*¹⁸.

*“Era tido pelos professores e colegas de Seminário Maior como um confrade muito bom. Sua vida de piedade era ótima. Quanto às suas práticas de piedade preferidas, pelo que ouvi dizer, eram a Sagrada Escritura e o Rosário”*¹⁹. *“Era afável, bom colega e espirituoso. Era de uma estabilidade emocional muito constante, de modo que não se assinalava a ocorrência de altos e baixos”*²⁰. *“Como jovem,*

17 *I testemunho*: Pe. Petrus Ceelen, Proc. na Cúria Busc., ad. 8.

18 *I testemunho*: Pe. Gil van den Boogaart, Proc. Rio de Janeiro, ad. 8.

19 *XIV testemunho*: Pe. Gerardus Thiessen, Proc. Ord. Belo Horizonte, ad. 8.

20 *I testemunho*: Pe. Gil van den Boogaard, ad. 8 (Proc. fol. tr. 27).

*Berto era sereno e tranqüilo, e mais tarde, sendo estudante, era muito sério. Quando o encontrei sendo já sacerdote me chamou a atenção o seu zelo pelas almas*²¹.

*“O irmão Eustáquio mantinha-se muito fiel em seus exercícios, e propagava sempre entre nós a devoção a Maria. Havia colocado uma estátua de Maria no jardim de Ginneken, e nos levava ali freqüentemente, à tarde, para cantar uma música à Virgem ou para recitar um par de Ave-Marias. Isso vindo dele, era aceito*²².

Preparou-se conscientemente para o sacerdócio. *“Desejava muito a sua ordenação, mas sem temor”. “Aproximou-se à ordenação com um desejo ardente, serenamente e sem incertezas. Quando por fim chegou o dia da ordenação de nosso irmão, foi para ele e para nós um dia inesquecível..., isto se vê nas cartas que recebemos dele antes e depois da ordenação. Pedia a nossa oração, e contava com ela.”*²³ Um mês antes da ordenação escreveu à sua irmã Faustina: *“Sinto-me feliz e também vejo-te feliz ao saber que conseguistes obter a graça pela qual rezastes ardentemente. Quão grande deve ser também a felicidade de nossos pais! Peço-vos, minhas irmãs religiosas, que sejais durante toda a minha vida sacerdotal o meu Moisés sobre a montanha. Fazendo isso, dais a vossa vida e os vossos trabalhos pelo êxito feliz do meu ministério sacerdotal. Lembrai-vos, queridas irmãs, que isso será para vós uma obra proveitosa, como também para mim e para todos. Sede todas juntas apóstolas, apóstolas pela oração e pelo amor*²⁴.

No dia 10 de agosto de 1919, na capela do Escolastica-

21 *VI testemunho*: Ir. Faustina, Proc. na Cúria Buscad., ad. 5.

22 *II testemunho*: Pe. Cyrillus Grondhuis, Proc. na Cúria Busc., ad. 8.

23 *Ibidem*.

24 Ir. Faustina, *Doc. II*º.

do de Teologia de Ginneken, o Beato recebeu, com outros sete companheiros, a ordenação sacerdotal. *“Sua primeira missa solene foi celebrada na paróquia paterna de Beck e Donk, no dia 15 de agosto. Estavam presentes, com alegria, todos os seus familiares e quase todos os habitantes do seu povoado... Demorava muito tempo na celebração da missa, especialmente no princípio; o próprio povo também afirmava isso, mas acrescentava: “mas não é cansativa”. Permaneceu em casa alguns dias, ajudando o pároco na assistência aos enfermos, e esteve uma semana no convento de nossa irmã”.*²⁵

Concluía assim a preparação para a vida apostólica durante os anos de formação; preparação caracterizada por sua generosidade, pelo seu espírito alegre e afável, por sua piedade, seu grande espírito de oração, de mortificação e seu grande amor aos Sagrados Corações e ao próximo, enfermo e que sofre. Chegou a entender e a viver intensamente os valores da piedade, da humildade e da caridade.



Quando o Beato, Pe. Eustáquio van Lieshout, acabou este período de sua vida, isto é, o tempo da formação religiosa e sacerdotal, podemos notar que naquele tempo a Congregação dos Sagrados Corações, através do seu centro de espiritualidade, propagava a devoção ao Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, com uma profunda devoção ao Santíssimo Sacramento, evidenciada no exercício da adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento, exercício que não se interrompia nas grandes comunidades, como as casas de formação. Também a devoção a São José, patrono principal da Congregação, era comum em nossas comunidades.

²⁵ *V testemunho*: Adriano van Lieshout, ad. 9 (Proc. fol. tr. 35).

A respeito do Beato, Pe. Eustáquio van Lieshout, podemos dizer claramente que durante toda a sua vida, no tempo de sua formação cristã e religiosa-sacerdotal, soube encarnar em sua própria vida os ideais de sua Congregação, de modo eminente e com o reconhecimento de seus superiores, professores, companheiros de Congregação e familiares:

Amor a Deus, manifestado no amor à humanidade de Cristo na devoção ao Sagrado Coração e ao Santíssimo Sacramento, diante do qual permanecia horas e horas em profundo recolhimento.

- Amor a Deus que se manifestava no cumprimento exato de seus deveres espirituais, religiosos e sacerdotais.
- Amor a Deus e ao próximo manifestado em sua entrega generosa pelo próximo, particularmente pelos mais fracos, os doentes e os que sofrem, e em suas visitas aos hospitais.
- Amor a Deus e ao próximo com o seu grande zelo pelo bem das almas.
- Amor a Maria, Mãe de Deus, em sua íntima devoção ao seu Imaculado Coração, devoção que ele tanto propagava e infundia nos corações e nas almas.

Tudo isso o Beato soube viver e encarnou em sua própria vida durante a sua formação, e o viverá depois ampla e intensamente durante a sua vida apostólica e missionária, com grande fidelidade a todos os seus deveres sacerdotais e religiosos, com grande submissão e exemplar obediência às autoridades eclesiais e religiosas, e com grande simplicidade e humildade, mesmo nos momentos verda-

deiramente difíceis para ele e para as autoridades, como aparece claramente nos testemunhos, documentos e escritos do Beato.



C) Ministério Apostólico:

a) Na Holanda (1919-1925):

1. Nos primeiros meses de seu sacerdócio foi nomeado ajudante do Mestre de Noviços, mas pouco depois foi nomeado capelão dos imigrantes de Valônia, na Bélgica, que trabalhavam numa fábrica de vidros em Maasluis, Holanda. Situação de verdadeira pobreza, de gente trabalhadora, onde o vício reinava por toda parte. Ele, com coragem, soube ganhar a estima e o respeito dos operários, conseguindo com a graça de Deus colher frutos abundantes e extraordinários entre eles, tanto que recebeu uma medalha por seus méritos do rei da Bélgica, Leopoldo III. Segundo a opinião do Pe. Gil van de Boogaart, seu provincial no Brasil, *“foi precisamente neste lugar onde decidiu não beber mais bebida alcoólica, decisão à qual foi fiel durante toda sua vida”*.²⁶
2. Em 1922, fechada a fábrica, foi transferido para a paróquia de Roelofarendsveen como coadjutor do pároco. Ali dedicou todo o seu tempo a um verdadeiro apostolado entre as famílias cristãs da paróquia. Visitava as famílias, difundindo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus através da entronização

²⁶ *I Testemunho*: Pe. Gil van de Boogaart, Proc. Rio de Janeiro, ad. 9.

da sua imagem nos lares, consagrando-os ao serviço de Deus e da Santa Mãe Igreja. Foram principalmente os pobres e os enfermos os que conseguiram conquistar o compassivo coração do Beato, sendo por isso muito procurado pelos enfermos e pelos que sofrem. Organizava com êxito peregrinações e reuniões da Ação Social Católica. Foi muito estimado e querido pelo povo, exercendo nele uma influência espiritual extraordinária. Devido ao seu zelo ardente recebeu de seu pároco o título de *“raptor animarum”* (“ladrão de almas”).

*“Manifestava seu ardente amor por Maria em suas fervorosas pregações, nas quais animava os que o escutavam a honrá-la e a invocar sua ajuda e intercessão”*²⁷.

Mas as missões o atraíam de modo particular, tanto que num certo dia foi nomeado para o Brasil, onde chegou em 1925, *“realizando assim o seu ideal missionário”*²⁸. *“O Pe. Provincial propôs ao seu Conselho enviar também o Pe. Eustáquio por causa do seu zelo sacerdotal e dos resultados já obtidos; ele oferecia uma suficiente garantia de poder trabalhar bem lá. Eu estava presente nesta deliberação, como membro do Conselho Provincial. Estivemos de acordo unanimemente em reconhecer que tínhamos feito uma boa escolha”*.²⁹

b) No Brasil (1925-1935):

Chegado ao Brasil com outros dois companheiros, Pes. Matias e Gil van den Boogaard, que será o seu Pró-Provincial, foi-lhe confiada como primeira missão:

27 Bert van der Meer, *Documento 1º* (pág. 72 di Document).

28 *I Testemunho*: Petrus Ceelen, Proc. na Cúria Busc., ad. 10 (Pro. Fol. tr. 7).

29 *Ibidem*.

1) a Paróquia de Água Suja:

Tratava-se de um pequeno povoado, situado no interior do Estado de Minas Gerais. Região pobre, com escassez da maioria dos recursos materiais. O povo vivia quase exclusivamente da sorte dos “garimpos”, da busca de ouro. Gente desconfiada, reservada com relação aos de fora e em especial com os padres vindos do estrangeiro. O povo era especialmente desconfiado por causa da experiência negativa com o sacerdote precedente. O Beato compreendeu logo que o que era necessário fazer em primeiro lugar era ganhar a confiança do povo para poder trabalhar em seu ministério. Seu método será: visitar os pobres, os que sofrem, consolar as almas fortalecendo-lhes o ânimo, tentando estar presente nos problemas familiares. Como o Bom Pastor, busca conhecer as suas ovelhas e permitir que elas também o conheçam, disposto a dar-se totalmente para transformar aquela realidade. Não economiza esforços e sacrifícios para educar e doutrinar o seu pobre rebanho. Mostra-se claro e exigente nos deveres cristãos e na fidelidade às normas da Igreja. Organiza em todos os níveis a participação do povo: catequese, juventude, peregrinações, festas, associações, etc. Serve-se de todos os meios e recursos para chamar a atenção do povo e criar mecanismos de evangelização. O povo vai respondendo gradativamente, vendo no Beato um homem dotado, servicial, atento às suas necessidades espirituais e materiais. Não lhe faltarão oposições de quem não compreende ou não quer compreender para não ter que mudar a própria situação cômoda.

Em seu ministério terá um afeto especial para com os pobres. Tem compaixão pelos que sofrem, identifica-se com os sofrimentos do povo. Compaixão que não se limita ao sentimento, mas a partilhar o sofrimento e a transformá-lo. Está convencido do poder transformador de Deus. É

Ele quem “cura” os homens por meio dos homens. Observa os sinais dos tempos e procura encarnar o Evangelho e seu carisma pessoal - sua identificação com o carisma do fundador - nesta situação concreta.

É notável o comportamento do povo quando o Beato lhe anuncia que era necessário deixá-los porque os seus superiores o transferiam para outra missão. O povo usou todos os meios (manifestações públicas, bloqueio das ruas...) para evitar a saída do padre. Tal comportamento é o reflexo da presença do homem que faz brotar a vida nas celebrações, nos diferentes serviços de acolhida, na ajuda ao povo, no dar liberdade ao que sofre e consolo aos enfermos. Não querem perder este instrumento de Deus, que está fazendo entre eles verdadeiros “milagres” na acolhida da Palavra de Deus, do espírito da Igreja, do sentido de participação comunitária, que vai transformando a realidade do seu povo.

2) Pároco em Poá (1935-1941):

“Vocês são a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. Assim também: que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que vocês fazem, e louvem o Pai de vocês que está no céu” (Mt 5,13-16).

Com a mesma entrega e humildade começa a sua nova missão, num ambiente de religiosidade muito frio, com grande presença de protestantes e aumento contínuo do espiritismo.

Os caminhos do Senhor são desconhecidos e seu espí-

rito sopra quando e onde quer. Ninguém poderia imaginar que essa luz, que havia se manifestado intensamente nas terras de Minas Gerais, iria aumentar a sua luminosidade e ser um centro de penetração e de irradiação tão grande. Através da sua entrega ao povo, e especialmente através das suas bênçãos e visitas aos enfermos, da sua firmeza na defesa dos princípios evangélicos, da tradição da Igreja e radical oposição ao espiritismo, ele é instrumento de conversões, de crescimento na participação na vida da Igreja e do fluxo de peregrinos de todas as partes para receber uma bênção sua. Este homem, totalmente entregue à sua missão, passa a ser reconhecido pelo povo como “santo”. O povo tem sede de Deus, de um Deus vivo, que participe de seus problemas, que os liberte de suas opressões, que cure as suas enfermidades. E assim lemos no Evangelho: *“À tarde, depois do pôr do sol, levavam a Jesus todos os doentes e os que estavam possuídos pelo demônio. A cidade inteira se reuniu na frente da casa. Jesus curou muitas pessoas de vários tipos de doenças e expulsou muitos demônios. Os demônios sabiam quem era Jesus, e por isso Jesus não deixava que eles falassem porque o conheciam”,* pois tinha compaixão de seus sofrimentos: *“um leproso chegou perto de Jesus e pediu de joelhos: se queres, tu tens o poder de me purificar”.* Jesus encheu-se de compaixão, estendeu a mão, tocou nele e disse: *“Eu quero, sê purificado”* (Mc 1,40-42). O mesmo ocorria, em parte, com o Pe. Eustáquio. E a quantidade de gente que vinha ao encontro do Pe. Eustáquio era tão grande que provocava problemas de ordem social. Não era possível acolher tanta gente sem causar transtornos, tanto para as autoridades civis como para a caminhada da própria paróquia.

E ainda: *“Alguns dias depois Jesus entrou de novo na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou a notícia de que Jesus estava em casa. E tanta gente se reuniu aí que já não havia lugar nem na frente da casa”* (Mc 2,1-2). *“Jesus saiu*

de novo para a beira do mar. Toda a multidão ia ao seu encontro. E Jesus os ensinava” (Mc 2,13). Jesus vai anunciando e realizando o projeto do Pai, vai manifestando que Ele é o Messias; é o ato de fé num profeta, num Messias, que faz o povo segui-lo e confiar em seu poder libertador. Outros o seguem por curiosidade ou para provocar situações contra ele, para colocá-lo à prova, para atacar alguma coisa de sua doutrina. Mas Jesus continua fiel na realização da Vontade do Pai, anunciando a Boa Nova.

E sobre o Pe. Eustáquio se lê:

“O movimento extraordinário, a atividade e fama de santidade do Beato em Poá e São Paulo, era o assunto da redondeza e objeto de muitas reportagens exageradas nos jornais. Causava também, naturalmente, controvérsias entre o clero secular e regular, e atraía o interesse das autoridades eclesiásticas e civis. Muitos sacerdotes visitavam o Beato e eram atendidos por ele com distinção e preferência. Outros sacerdotes e até bispos encaminhavam enfermos de suas relações a Poá, com cartas de recomendação ao Beato”³⁰.

Fizeram-se investigações por parte das autoridades civis e eclesiásticas, mas não se encontrou nada que pudessem censurar a pessoa ou os métodos do Beato. O próprio arcebispo de São Paulo, José Gaspar de Fonseca e Silva, declarou que: *“o Beato Padre Eustáquio nada fazia de censurável, mas tudo fazia de acordo com as leis da Santa Mãe Igreja, dando bênçãos litúrgicas dentro do ritual romano e aplicando os sacramentais da Igreja. Pregando contra a heresia do espiritismo, o Beato convertia pecadores, conseguindo a volta de apóstatas e indiferentes à Igreja e à prática da religião”*.³¹

30 Pe. Elfrink Alfredo, “*Artigos e posições*”, art. 45, p. 30.

31 *Ibidem*, art. 46, p. 31.

Não obstante tudo isso, as autoridades eclesiásticas e civis, pondo-se de acordo, decidiram remover o Pe. Eustáquio de Poá. O seu superior religioso, considerando-o “cansado”, propôs-lhe tomar um tempo de férias. O Beato partiu de Poá para evitar desordens como as que havia ocorrido em Água Suja.

Viajou por diversas cidades, onde era conhecido e asediado pelo povo, que solicita bênçãos e cura para os seus enfermos.

Convidado por amigos chegou ao Rio de Janeiro. O cardeal arcebispo Sebastião Leme concedeu-lhe plenos poderes para exercer o ministério, mas com uma advertência: *“quando os jornais começarem a fazer reportagens, quando o povo começar a descer dos morros, neste caso tudo poderá acontecer, e então o Pe. Eustáquio deverá partir imediatamente”*.³² O Beato exerceu o seu ministério procurando evitar toda publicidade a respeito da sua presença no Rio, mas colocando à disposição do povo os dons que o Senhor lhe havia concedido para ajudar ao próximo. A massa do povo começou a mover-se, e com os meios de comunicação dando ênfase aos acontecimentos, ocorreu que em pouco tempo o Beato teve que deixar às pressas a cidade do Rio de Janeiro.

3) Na “Fazenda São José”:

Pe. Gil, seu pró-provincial, encontrou uma maneira de subtraí-lo às multidões escondendo-o na fazenda de um amigo, no interior do Estado de São Paulo. Este tempo de solidão, sem poder exercer o ministério, seu ideal apostólico e missionário, para o qual Deus o havia chamado, o inquietou e fê-lo sofrer. Esteve aí uns cinco meses. Escreveu

³² “*Artigos e posições*”, art. 50.

à Holanda, ao seu provincial, pedindo que o transferisse para outro país, como Argentina, Chile, Portugal, onde a Congregação estava presente e onde não havia o perigo de ser reconhecido por sua fama. Aquele isolamento o fazia sofrer e o impedia de realizar a missão para a qual estava convencido de ser chamado e escolhido. Assim escreve a seu superior em 25 de julho de 1941: *“ouvira e sentira a voz de Deus dentro de sua alma, falando-lhe e ordenando-lhe a combater o espiritismo pela oração, pregação, ministério sacerdotal e pela prática da caridade cristã, principalmente para com os pobres, os pobres e os sofredores na vida”*³³. Em meio àquela angustiosa situação manifestou uma total confiança no que os seus superiores lhe mandaram. Demonstrou um grande sentido de obediência, convencido de que Deus se manifesta através dos superiores, e que eles, com seu dom de discernimento, podem ver o que é melhor para a missão da Igreja. Com seu dom carismático, ajuda a ver e ler nos sinais dos tempos o perigo do crescimento do espiritismo, que ele via como um perigo atual e que poderia agravar-se no futuro. Denunciou este problema e quis combatê-lo proclamando sem medo o Reino de Deus e suas exigências.

O bispo de Campinas, Dom Francisco Barreto, o convidou para trabalhar em sua diocese, mas o povo o reconheceu novamente, atribuindo-lhe curas, fruto de suas bênçãos. Começou novamente a grande afluência de gente, e foi necessário novamente retirar-se à solidão na “Fazenda São José”. Antes de retirar-se, escreve às autoridades que haviam ficado descontentes com sua reaparição: *“eu não pedi para ir a Campinas. Levaram-me com autorização do meu superior. Não estão satisfeitos? Se se referem às circunstâncias, ao barulho e à publicidade, estou de acordo,*

33 *Ibidem*, art. 53.

pois tudo isso deve ser evitado a qualquer preço... mas se se referem aos fatos... estes estão nas mãos de Deus e não é necessário que as autoridades fiquem ou não satisfeitas com eles”³⁴.

Enquanto isso (cinco meses: de 13 de maio a 13 de outubro de 1941), o Beato, homem de profunda espiritualidade, se dedicou à vida interior, a aumentar a sua união com Deus, a discernir aquilo que Deus queria dele, e a cumprir fielmente a sua vontade, que se manifestava através dos superiores, tudo para o bem da Igreja e do seu povo. A convite do dono da fazenda atendia a alguns enfermos e celebrava a santa missa para o pessoal da fazenda.

4) No Estado de Minas Gerais:

Em outubro de 1941 os superiores o transferiram para **Patrocínio**, onde deixaram-no começar de novo o seu ministério, e depois também numa outra cidade próxima, **Ibiá**, mas em ambas com certas cautelas e condições, como exercer o ministério somente na Igreja e em determinadas horas e somente dar bênçãos no confessionário, coisa que ele observou com rigorosa obediência.

5) Paróquia São Domingos, em Belo Horizonte:

Finalmente, o arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, ofereceu à Congregação dos Sagrados Corações, e expressamente ao Pe. Eustáquio, uma paróquia na periferia de Belo Horizonte. No dia 2 de abril de 1942 tomou posse da paróquia chamada “São Domingos”. Ali começou de novo o seu trabalho com a ajuda do Pe. Hermenegildo. Pouco a pouco e com a permissão do arcebispo, que acompanhava de perto e com admiração

³⁴ *Ibidem*, art. 54.

a obra do Pe. Eustáquio, os seus serviços se estenderam a outras paróquias da cidade. O Beato se tornou instrumento de conversões, de crescimento espiritual, e reforço da fé: sua obra evangélica, espiritualidade profunda, confiança absoluta na presença de Deus, que lhe deu novo entusiasmo e novas forças, que o inspirou e concedeu dons extraordinários, como curas, fizeram correr a fama de sua santidade. Começou a construção de uma grande Igreja, dedicada aos Sagrados Corações. Estava sempre disponível ao serviço do povo. Tinha um cuidado especial com os pobres e os enfermos. Não tinha tanto cuidado com a sua própria saúde. E em certo momento contraiu a enfermidade do tifo (exantemático), que o fez sofrer muito e o levou a uma morte prematura no dia 30 de agosto de 1943. Não havia passado nem um ano e meio de sua chegada.

Quando os meios de comunicação deram a notícia de sua morte, uma verdadeira multidão de gente lotou os arredores do sanatório onde ele havia falecido. Seu funeral foi acompanhado por uma enorme multidão que veio de todas as partes da região para dar o último adeus a quem havia sido para eles uma presença de Deus em meio ao seu povo. Essa peregrinação ao seu sepulcro continua ainda hoje, porque o povo conserva em sua memória as virtudes do Beato e a sua fama de santidade.

Espiritualidade do Beato

Feito este preâmbulo histórico sobre o Beato, entremos mais diretamente em sua espiritualidade, em sua vida íntima com Deus, em suas relações com o Senhor e nas experiências íntimas desta união com Deus em seu ministério sacerdotal e religioso, em sua vida apostólica.

A) Sua espiritualidade em geral:

Depois de um exame cuidadoso das obras e dos escritos do Beato, assim como dos testemunhos recolhidos, o Pe. Eustáquio van Lieshout aparece como um ótimo religioso e diligente sacerdote. “Religioso”, segundo a mais sadia doutrina teológico-ascética, é quem “*se entrega inteiramente a Deus, sumamente amado, de tal modo que, por um novo e peculiar título, é ordenado ao serviço de Deus e à sua honra*”³⁵. E Santo Tomás diz que os religiosos são “*aqueles que se entregam totalmente ao serviço de Deus*”³⁶. Da documentação recolhida para o processo sobre a heroicidade das virtudes facilmente emana que o Beato havia consagrado toda a sua vida ao serviço de Deus, como se provará mais adiante. Agora aqui, seja-nos permitido trazer um argumento que, como diz um dos consultores que examinaram seus escritos, poder-se-ia equiparar às assim chamadas “*elevações místicas em Deus*” das almas santas: “*Tudo para vos agradar, Deus! Todas as minhas ações convosco! E depois tenhamos um único pensamento: um único, mas ardente... amar e fazer amar a Deus... Deus sempre, Deus em tudo*”³⁷.

O Beato não somente era um ótimo religioso, como também um diligente sacerdote, ao extremo. “Sacerdote” é alguém “*tomado dentre os homens, constituído para o bem dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados*” (Hebreus 5,1). E Santo Tomás, comentando essas palavras de São Paulo, diz que “*o ministério próprio do sacerdote é o de ser mediador entre Deus e o povo. Com efeito, ele transmite ao povo as coisas divinas, daí o nome de ‘sacerdote’, isto é,*

35 Constituição “*Lumen Gentium*”, n° 44.

36 *Suma Teológica*, II-II, 186, 1.

37 *Proc. E.* 19 - *Cons. III*, p. 3.

‘o que dá as coisas divinas’”³⁸. Pe. Eustáquio van Lieshout deu toda a sua vida a Deus, e por Deus deu a sua vida às almas e aos seus superiores, principalmente através de suas obras apostólicas e de seu serviço generoso e paterno para com os enfermos e os que sofrem.

Por sua caridade para com os enfermos e os que sofrem: confortando suas almas, curando seus corpos, impondo-lhes as mãos e abençoando-os com amor, e com as bênçãos do ritual romano, chegando a tal extremo que o povo começou a dizer que ele fazia curas milagrosas. Ouçamos o que ele mesmo escrevia ao arcebispo da Diocese de São Paulo: “... hoje porém me vejo constrangido de todo lado para acudir bem a humanidade na qualidade de sacerdote, que por suas bênçãos se vê como instrumento da Divina Providência para aliviar as dores do próximo. Mas, como em tudo a matéria é apenas o caminho para o que é espiritual, as curas corpóreas que constatamos são apenas meios para obter uma segunda cura muito mais importante: a cura da alma, e não somente da alma daqueles que obtiveram a cura, mas de centenas e centenas que se tornaram testemunhas daquilo, e cuja alma ou estava numa indiferença espiritual completa ou numa tibieza profunda nas coisas de Deus e da alma. Eis aí a santa vocação que sinto em mim: aliviar as dores corpóreas para poder aliviar a (fabalada) de nossos tempos. Para esta grande obra me vi especialmente chamado. Nunca tive consciência como hoje do quanto pela graça de Deus posso alcançar para aqueles que sofrem... O bom Deus me mostrou visivelmente o caminho a tomar. Sim, hoje me vejo constrangido, se minha palavra convier, a acudir a todos que sofrem e padecem. Até o dom de curar alguma doença ou aleijado que a ciência humana já teve por incurável, Deus me deu. Mas não

38 Suma Teológica, III, 22, 1.

*me glorio nisso. Que isso não se opera por meios naturais foi compreendido por muitíssimas pessoas, que em prova do que sentiram na alma procuraram imediatamente a sua conversão, e a indiferença espiritual em que estavam vivendo há tantos anos deu lugar a uma ardente fé e a uma confiança sem limites. Que posso dizer do dom que Deus, na sua misericórdia, concedeu a mim pobre pecador”.*³⁹

Depois deste testemunho, humildemente apresentado pelo próprio Pe. Eustáquio, vejamos o que ele mesmo escreve a um de seus irmãos religiosos: *“Durante muito tempo, mas sobretudo durante o ano passado, muita gente me procurou para a cura da alma e do corpo. E, graças ao Bom Deus, muitas almas se converteram, e muitos enfermos, também cegos e paráliticos, encontraram a cura através de uma simples bênção. E ainda que tenhamos feito tudo o que pudemos para ocultar todo fato extraordinário, os periódicos se aproveitaram para fazer muito barulho com relação à minha pessoa; tanto que meus superiores, também eclesiásticos, por medo de que pudesse vir algo grave da parte de Roma, me aconselharam retirar-me um pouco até que venha uma ordem de cima...”*⁴⁰.

É necessário sublinhar também o espírito, o zelo e a atividade apostólica desenvolvidas em todas suas obras sacerdotais: na visita aos enfermos; no confessionário, onde permanecia horas e horas, mesmo de noite; em suas inumeráveis pregações e publicações escritas; pregações e publicações feitas em língua portuguesa, totalmente diferente de sua língua materna, o holandês. E, ainda que não falasse bem o português, tinha o dom de atrair as pessoas, até mesmo pessoas cultas e doutas, que o escutavam com gosto.

³⁹ *Proc. C, III, 1^a-1b.*

⁴⁰ *Proc. C, II, 1^a*

A **doutrina** por ele pregada é sólida e ortodoxa; não é profunda, mas sim a expressão da fé comum dos fiéis de seu tempo. Suas pregações são mais moralizantes que dogmáticas. De suas pregações aparece uma erudição fabulosa de textos da Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento sobre os deveres normais e atuais dos católicos de seu tempo. Muito generosas são também as citações dos Santos Padres da Igreja, pelo menos dos mais conhecidos. Ele não se sente intérprete das verdades da fé, mas pastor das almas, dando ânimo a seu rebanho sobre a vida e a ascese cristã com textos sagrados, proclamados com a autoridade do ministro de Deus.

As *devoções principais*, que o Beato claramente tinha, são a devoção ao Sagrado Coração, à Virgem Imaculada e ao Santíssimo Sacramento, próprias da Congregação dos Sagrados Corações e também próprias de seu tempo e de sua região holandesa. Deve-se acrescentar ainda uma especial devoção a São José, patrono principal da Congregação dos Sagrados Corações e da Igreja universal, devoção que ele viveu e desenvolveu principalmente no Brasil entre o povo simples e humilde.

Por conseguinte, pode-se dizer que em geral o Beato era um *sacerdote religioso autêntico*, com uma fé simples mas genuína, com um zelo apostólico ardente e infatigável, e com uma extraordinária e delicada caridade; um homem de oração e de vida ascética, praticada antes de ser pregada aos outros.

B) Sua espiritualidade “em particular”:

Ao falar da vida íntima “em particular” do Beato, ou de suas experiências espirituais nos caminhos do Senhor, creio que se deve notar, em primeiro lugar, que em sua vida e em seus escritos privados o Pe. Eustáquio aparece como

uma alma altamente unida a Deus, principalmente através da oração, das suas virtudes teologais, sua caridade e sua total submissão à Vontade de Deus. Sua doutrina, manifestada em suas pregações e em suas publicações escritas, trata de quase todas as virtudes cristãs e de nosso amor e devoção para com Deus, especialmente para com a Pessoa de Cristo, a Virgem Maria e os Santos. Mas o “espírito” que dá vida a toda sua obra apostólica não pode proceder senão de uma alma verdadeiramente imersa na vida divina. Lemos por exemplo: *“os meios que Nosso Senhor de modo especial me inspira para conquistar o nosso inimigo são o ministério sacerdotal, a pregação e as visitas aos enfermos e a todos os que sofrem. E peço humildemente a todos os meus superiores eclesiásticos, religiosos e civis, que me ajudem em minha santa missão, para que a graça de Deus chegue a tantos que sofrem e a tantos que se perdem”*⁴¹.

Em outro lugar, com inspiração verdadeiramente apostólica, diz: *“a vida está nas mãos de Deus. Que pena ver a muitos pensarem que a vida está nas mãos deles. Oh, meu Deus, queira mandar a sua luz sobre todos os corações, tanto dos pobres como dos ricos, tanto dos que moram na cidade como dos que labutam nos campos. Oh, meu Deus, que pena ver ainda a tantos que abraçam falsas religiões que nada têm de consolo ou de conforto para as pobres almas. Oh, meu Deus, eu choro ao ver o naufrágio de tantas almas, de ver tantos cujas lágrimas nunca secam, e não obstante tudo isso, permanecem andando atrás dos destroços de uma seita, que já há muito tempo pereceu!”*⁴²

Mas, a melhor fonte da espiritualidade do Pe. Eustáquio van Lieshout a encontramos verdadeiramente no tesouro que constituem as suas cartas privadas:

41 *Proc. C. II*, 19, c.

42 *Proc. D*, 3 d.

1) A caridade, o amor para com Deus e para com o próximo: O amor a Deus e ao próximo, primeiro mandamento do Decálogo, e “novo” mandamento segundo as palavras de Cristo (Jo 13,34), constituem a verdadeira fonte de toda santidade. *“Deus é caridade”* (1Jo 4,7) e *“sobretudo habite em vós a caridade, que é o vínculo da perfeição”* (Col 3,14). A caridade deve, portanto, ser entendida na união com Deus, como fruto da caridade e do amor. *“A caridade é que nos une a Deus”*⁴³ (verificar a tradução).

a) A caridade e o amor a Deus, do qual está cheia a alma do Pe. Eustáquio van Lieshout, a encontramos em quase todas as suas cartas. Transcrevemos aqui alguns parágrafos, a modo de exemplo, que ele escreveu: *“Tudo para vos agradar, ó meu Deus! Todas as minhas ações convosco! E depois tenhamos um único pensamento: um único, mas ardente... amar e fazer amar a Deus... Deus sempre... Deus em tudo...!”*⁴⁴

b) Amor ao próximo: Também sobre isso podemos dizer que sua alma era invadida pelo amor ao próximo. Muitos são os textos eminentes a este respeito: *“Pois Deus não permitiu que eu ficasse entre vós, mas quem sabe o permitirá daqui para diante. Eu queria que ninguém mais sofresse, ninguém mais padecesse, que não houvesse mais um gemido - oh, eu queria correr pelos campos de guerra sem distinção de nacionalidade para assistir àqueles que sofrem, àqueles que morrem. Oh, meu Deus, que vossa vontade seja feita sempre... Pobres que sofrem - sofrem sem consolo - sem alívio, pois a quantos falta a religião, a fé, a verdadeira fé. Oh, bom Jesus,*

43 Sto. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, 184, 1.

44 *Proc. E*, 19; cf. *D*, 3c, 19º.

*tende compaixão de nosso povo!”*⁴⁵ E em outro lugar diz: *“Oh, Jesus, concedei-me a graça de fazer tudo para todos e ganhar todos para Cristo”*⁴⁶.

2) Firme e inabalável confiança em Deus: O Beato, Eustáquio van Lieshout, como homem que vivia da fé, fundamentava toda sua vida na onipotência de Deus e na caridade de Cristo. Encontram-se com frequência em seus escritos parágrafos onde manifesta essa confiança em Deus. Sua irmã Faustina diz em seu testemunho que esta confiança em Deus *“era uma característica dele”*, desde quando era jovem. Por isso, quando um dia seu pai lhe disse: *“Filho, tu não dás conta dos estudos”*, sua resposta foi: *“Eu farei o melhor que posso e deveremos ter maior confiança em Nosso Senhor. As coisas melhorarão”*. *“Esta confiança no Senhor era uma característica dele. Desde jovem era íntimo de Nosso Senhor”*.⁴⁷ E as coisas melhoraram, como ele disse.

O motivo desta confiança, o próprio Pe. Eustáquio a manifesta quando diz: *“nossa confiança pode ser imensa como a bondade de Deus também é imensa”*⁴⁸. Era tal a sua confiança em Deus que habitualmente saíam de sua boca expressões como estas: *“que nada vos assuste, que nada vos aflija, que nada vos perturbe. Tudo passa, alegria e dor, pena e gozo. Só Deus não passa. Só Deus sempre permanece”*⁴⁹. Expressões que originariamente são de Santa Teresa de Jesus, mas que ele as tornava próprias. E ainda outras: *“confiança, confiança ilimitada em Deus, e não seremos decepcionados em nossa fé”*⁵⁰.

45 *Proc. C*, VI, 7 b.

46 *Proc. E*, 7 a.

47 Ir. Faustina, ad. 6, *Proc. fol. tr.* 53.

48 *Proc. C*, VI, 75.

49 *Proc. E*, 16º; cf. *E*, 3ª, 7º; *C*, VI, 55, etc.

50 *Carta de 1º de Setembro de 1941*; Série C, V, nº 5.

Esta confiança ele não a colocava somente em Deus de maneira “abstrata”, mas certamente também em Jesus, como se manifesta nas seguintes expressões: *“em Ti, ó Jesus, eu confio; em Ti, ó Jesus, eu espero; a Ti, ó Jesus, me encomendo, como também minha família, todas as minhas necessidades, especialmente a nossa salvação eterna”*⁵¹.

3) Esta confiança em Deus, este abandono nas mãos do Senhor, enchiam a sua alma de uma grande paz. Paz que desejava e recomendava a todos:

“Se queres a paz em teu coração:

1. não te lamentes por nenhum mal, nem sequer pelo estado do tempo.
2. não julgues as coisas que não conheces.
3. *não compares a tua sorte com a do teu próximo.*
4. *não desejes que isto ou aquilo seja diferente do que é.*
5. *não penses nas coisas de amanhã, nem nas coisas que às vezes são difíceis; pense sempre: Deus proverá*⁵².

4) Amor e firme confiança em Cristo: O amor de Deus que inflamava a alma do Pe. Eustáquio não era de maneira alguma um amor especulativo ou abstrato; tratava-se de um amor verdadeiro e concreto por Cristo e pela sua Santa Cruz. Suas palavras constituem nesta matéria uma verdadeira e ótima doutrina mística: Escreve: *“Jesus, em ti confio, em Ti eu espero, em Ti eu creio. Ao pé da Santa Cruz, lembrando-nos dos gemidos de nosso divino Salvador, vamos meditar em nossas cruzes e pedir forças para poder*

51 *Proc. C*, VI, 59.

52 *Proc. D*, 3^a, 21°

*carregar a nossa cruz com alegria e satisfação*⁵³. “Ó meu Jesus, eu vos amo com a sua cruz, com o vosso sofrimento, com o vosso imenso amor”⁵⁴.

Na prática, o seu amor por Jesus Cristo se traduzia no amor por seus irmãos, para com o próximo. Daí **seu desejo de levar sobre os seus ombros os sofrimentos do próximo em nome de Jesus Cristo**: “*Queria ser o porta-voz de todos os que sofrem, de todos os que padecem*”.⁵⁵ “*Amigo, sr. J. Severino de Aguiar, que Deus vos abençoe, vos ajude a ser porta-voz de todos os que sofrem e padecem*”.⁵⁶ “*Queiramos unir-nos na mesma cruz que era a de Nosso Senhor, cuja cruz era tão pesada e tão dura, e era por nossa causa. Jesus me amou por sua cruz. Óh, que consolo! Amemos a Jesus também por sua cruz. Jesus, Maria, José. Vou me lembrar muito da Senhora. Óh, meu Jesus, eu vos amo. Amovos por minha cruz, por meu sofrimento. Óh, Jesus, seja o meu Cireneu para ajudar-me a carregar minha cruz*”.⁵⁷

Seu amor a Cristo freqüentemente se manifestava na devoção ao **Sagrado Coração de Jesus**, como se vê nestas expressões: “*Sagrado Coração de Jesus, venha a nós o vosso reino. Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós e de nossas pátrias e de nossas famílias, mas antes de tudo de nossas almas*”⁵⁸. “*Óh, meu Jesus, que vosso coração seja para mim um asilo, um esconderijo contra as tempestades do mundo. Não desejo, meu Jesus, outra coisa senão a Vós. Convosco quero viver e morrer*”⁵⁹.

53 *Proc. VI*, 37.

54 *Ibidem*, 54.

55 *Proc. C, VI*, 70.

56 *Ibidem*, 71.

57 *Ibidem*, 73.

58 *Proc. C, VI*, 21.

59 *Proc. D*, 3^a, 6^o

E aquele ardente amor a Deus, aquela ilimitada confiança no Senhor e aquela paz que reinava em sua alma, faziam nascer em seu coração um grande desejo de cantar as maravilhas divinas: *“Óh, como eu poderia cantar as misericórdias de Deus em minha vida? Ah, se eu tivesse mil vidas, eu as daria para cantar sua bondade, sua misericórdia... Me levantaste do chão, me tiraste da lama, me livraste do pecado, venceste a minha tristeza. Ó, misericórdia de Deus! Meu coração estava cheio de pecados e Tu, ó Jesus, me perdoaste, me abraçaste, me alegraste, me colocaste ao teu lado e me deste beber do cálice da tua alegria. Bendito seja Deus, que teve tanta bondade para comigo. Ó Jesus, que o meu coração não cesse de glorificar-te, que meus olhos estejam fixos em Ti, minhas mãos alçadas para Ti, e meus pés se movam sempre por Ti, meu corpo e minha alma estejam escondidos em Ti. Ó Jesus, doce amigo do meu coração, salvação da minha alma, guardião da minha eternidade, sol do céu, glória da terra, livrinho de bondade, música do céu, repouso da minha alma, consolo de todas as misérias, encanto de toda a eternidade”*.⁶⁰

5) Devoção ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia:

O seu amor a Deus, e concretamente o seu amor a Cristo, não se manifesta de modo melhor do que em sua devoção ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia. O Pe. Eustáquio van Lieshout sobressaía desde jovem nesta devoção, passando horas e horas de joelhos diante do Santíssimo Sacramento: *“...o que sobretudo chamava a atenção no Beato era a sua devoção ao Santíssimo Sacramento. O seu contínuo comportamento religioso na capela era digno de ser notado, como também as suas devotas genuflexões, o seu permanecer continuamente de joelhos sem apoiar-se*

60 Documento nr. 3°

sobre os cotovelos”⁶¹. *“Tinha muita devoção ao Santíssimo Sacramento e desde jovem em Gemert, e durante as férias em Grave, ia todos os dias à missa e comungava sempre”*⁶². Frequentemente as suas pregações e conferências tratavam do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, tanto que se pode afirmar que para o Pe. Eustáquio a Eucaristia era o centro de seu coração, como se pode concluir pelas seguintes expressões: *“Oh, quantos tabernáculos Jesus já viu na vida vazios. Igrejas desertas durante quase toda a semana. Viu como de manhã cedo chegava um sacerdote para celebrar a santa missa, como poucos assistiam, e daí em diante, o resto do dia, Jesus ia ficar sozinho e desolado. Viu os corações indignos que iam recebê-lo de modo sacrílego (...) Sacerdotes - como estamos muito relacionados com Jesus - nos oferecemos todos os dias ao Divino Salvador no divino sacrifício. Abrir e fechar o sacrário. Examinemos a nossa fé, o nosso amor ao Santíssimo Sacramento. Como é que eu ofereço o Santo Sacrifício do Altar? Como é que eu dou a comunhão aos fiéis? Como é que eu agradeço a Jesus depois da Santa Missa?”*⁶³ Gostava muito de expôr o Santíssimo Sacramento, sobretudo nas primeiras Quintas-feiras do mês, para que os fiéis pudessem fazer suas visitas adorando o Santíssimo.⁶⁴

61 *I Testemunho: Pe. Petrus Ceelen*, Proc. ad. 8 (Proc. fol. tr. 6-7).

62 *Adriana*, Doc. pág. 83.

63 *Proc. A*, V, 1-2.

64 A esse propósito, e como única anedota, quero apresentar aqui um fato que a Sra. Maria das Dores Damasceno, jornalista natural de Romaria, conta em seu livro *“Do diamante ao milagre da fé”*, Romaria, 1997, pág. 161. Falando do Pe. Eustáquio, que aí viveu como pároco durante dez anos, ela narra este episódio, que ouviu em Romaria, contado por Dona Abigail, esposa de João da Motta Leite, fervorosa devota de Nossa Senhora da Abadia e do Santíssimo Sacramento; mulher bondosa, paciente e ainda muito recordada por seus sábios conselhos e por sua dedicação e amor às crianças. Es-

Havia em seu coração uma tal devoção ao Santíssimo Sacramento que o Beato **estava disposto a sacrificar sua vida por esta verdade**, como podemos concluir de suas próprias palavras: *“Nós aqui e Jesus ali, pertinho de nós. Ah sim, estou convencido de que todos vós estais convencidos da presença verdadeira de Jesus no Santíssimo Sacramento. Acredito até que estais prontos para dar-lhe a vida em profissão de sua fé na verdadeira presença de Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar (...) e que após as palavras ‘fazei isso em memória de mim’ acreditais na instituição do Santíssimo Sacramento e na presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento. Nós acreditamos como se o víssemos com os nossos próprios olhos e gostaríamos de dar a nossa própria vida para provar este artigo de nossa fé”*.⁶⁵

6) Devoção à Santíssima Virgem Maria: Outra característica da verdadeira santidade na Igreja foi sempre a filial devoção à Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus. Não é de se admirar que o Beato, pertencente à Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, tivesse

tava sempre presente nos cultos religiosos. Contava ela: *“Todas as primeiras Quintas-feiras, às 3 da tarde, expunha para os fiéis o Santíssimo Sacramento. Poucas pessoas apareciam para participar da adoração. Pe. Eustáquio, no sermão do Domingo seguinte, disse: ‘os fiéis não estão dando importância ao Santíssimo exposto, mas os animais virão adorá-lo’. Na primeira Quinta-feira seguinte, às 3 horas da tarde expôs o Santíssimo para a adoração. Alguns fiéis estavam rezando. Uma hora depois, um trote de animal chamou-lhes a atenção. Um cavalo que estava pastando na praça se dirigiu para o interior da Igreja, parando-se no meio do corredor, diante do Santíssimo. Durante mais de 15 minutos o animal permaneceu imóvel, dando tempo para que alguns fiéis chamasse mais gente para ver o que estava acontecendo. Foram muitos os que o viram. Depois o cavalo saiu mansamente e voltou à praça... Quem ouviu o sermão do Pe. Eustáquio naquele Domingo compreendeu o acontecido!”*
65 Proc. E, 6º .

uma verdadeira e filial devoção à Virgem Maria. Já no ambiente familiar ele demonstrou essa filial devoção: *“tinha uma especial devoção à Virgem. Ia muitas vezes rezar na capela de Nossa Senhora das Graças em Aarle-Rixtel, e ia à pé com as sua irmãs mais novas a Haandel, numa outra capela dedicada à Virgem Maria, e pelo caminho nos convidava para cantar, assim como ele mesmo cantava...”*⁶⁶. Há muitos escritos seus sobre a Virgem Maria, **especialmente com o título do Santo Rosário**, como este por exemplo: *“permita Deus que os católicos de nosso tempo se alegrem como eco celestial de suas orações aqui na terra, mormemente do seu terço, rezando devotadamente todos os dias em louvor daquela santa e boa Mãe, de quem nós tanto falamos e pregamos, mas nunca é demais, nunca o bastante por ser ela a rainha do rosário, a rainha da graça, a fonte inesgotável de bondade e de auxílio”*.⁶⁷ À Virgem do Santo Rosário recorria como mediadora entre Deus e as almas: *“confiemos muito a Deus os nossos cuidados, e todas as nossas preocupações tornar-se-ão muito leves. Nossa Senhora do Rosário há de nos ajudar a tudo sofrer para maior glória de Deus”*⁶⁸.

Em suas cartas privadas encontra-se muitas vezes o nome da Bem-aventurada Virgem Maria associado ao Sagrado Coração de Jesus e a São José. Por exemplo: *“O Sagrado Coração de Jesus, a nossa boa Mãe, o nosso querido São José vos assistam sempre”*.⁶⁹

7) Devoção do Beato a São José: Sempre floresceu entre as almas santas a devoção a São José, como esposo da Bem-aventurada Virgem Maria e como patrono das almas

66 *Adriana*, Doc. pág. 83.

67 *Proc. B* III, 13.

68 *Proc. C*. VI, 44.

69 *Proc. C*. VI, 84; cf. ib. 85, 86, etc.

em sua vida interior. São José, patrono da Igreja, foi também sempre patrono da Congregação dos Sagrados Corações. Mas foi no Brasil que o Beato manifestou sua devoção a São José em todas as suas atividades apostólicas, especialmente na sua doutrina e prática contra o espiritismo, tão difundido no Brasil. Com esta finalidade fundou uma Associação chamada *“Liga anti-espírita”*, à qual colocou sob a proteção de São José⁷⁰. Mas, o amor do Beato a São José aparece claramente no fato de que em quase todas as suas cartas fala deste beato esposo da Virgem Maria. Eis aqui algumas de suas expressões: *“São José vos guie e vos proteja sempre... São José, guiai-nos. São José, protegei-nos. São José, guiai-nos sempre no caminho de sua santa vontade”*⁷¹. *“São José, protegei-me, guiai-me, livrai-me do mal!”*. ⁷²*“São José, eu confio em vós. São José, espero em vós. São José, creio em vós”*⁷³.

Escrevendo ao Exmo. Arcebispo Metropolitano de São Paulo, no dia 24 de junho de 1941, manifesta estar convencido da necessidade de recorrer a este santo pelas necessidades do mundo: *“convém também que entre todos os santos recorramos de modo especial a São José, cuja intercessão se revela como potente e infalível em nossos tempos... eu tenho o santo desejo de construir um santuário para este glorioso santo, a fim de que o mundo aprenda que o tempo de penúria chegou, mas a salvação está próxima daqueles que crêem nestas duas pessoas que São José nos está indicando: Jesus e Maria”*⁷⁴.

Esta especial devoção a São José era particular em sua

70 *Proc. E.*, 2º a, b, c.

71 *Proc. C.* VI, 16.

72 *Proc. C.* VI, 16.

73 *Ibidem* 38. Cf. *Proc. D.*, 3ª, 1º, 30, 50, 3b, 10º, 14º, 17º; 4b, etc.

74 *Doc. nr. 2º* (*Proc. Ord.* Fol. 647).

vida, e procurava transmiti-la àqueles que o procuravam para receber uma bênção. Compôs várias orações para o esposo de Maria, com a aprovação eclesiástica, imprimindo-as para a evangelização e devoção do povo. Eis aqui uma delas:

“São José, esposo abnegado de Maria, terno pai nutrício do Menino Jesus, protetor e amparo da Sagrada Família, alcançai-me o que tão ardentemente peço para mim e para os meus. Coloco-me inteiramente debaixo de vossa poderosa proteção, ao lado de Jesus e de Maria, que sob vossa proteção fugiram em segurança e voltaram a salvo. São José, se houver em minha conduta algo que desagrade a Jesus ou à sua Mãe, ajudai-me a arrancá-lo, pois só quero ser santo como vós e Jesus e Maria são santos. Quero morar com eles debaixo do mesmo teto e não quero conservar nada que os possa contrariar. Oh, São José, pedi luz para o meu espírito, luz para os meus olhos, coragem para o meu coração, maior temor do pecado. Oh, São José, peço-vos a paz no meio de tantos que se odeiam e se perseguem, paz nos corações, paz nos lares, paz em todos os países... São José, ajudai-me a sofrer, ajudai-me a suportar, ajudai-me a perdoar, ajudai-me a confiar, ajudai-me a salvar. Amém! São José, consolo dos aflitos, rogai por nós! Esperança dos enfermos, rogai por nós! Patrono dos moribundos, rogai por nós!”⁷⁵

8) Devoção e submissão às autoridades eclesiásticas em geral e ao Romano Pontífice em particular: O Beato, por causa de seu ministério entre os protestantes, espíritas

75 ANDRADE, J.V., *Padre Eustáquio*, Promoção da Família Editora, Belo Horizonte, 1990, p. 151.

e ateus, teve ocasiões de demonstrar sua própria devoção ao Romano Pontífice, como se vê expressamente a propósito da associação “Liga Anti-espírita”, que ele havia fundado: *“a Liga Anti-espírita professa absoluta adesão à Santa Sé e ao seu legítimo representante, o prelado de cada diocese onde funcionará esta Liga”*.⁷⁶ No seu tempo, não rara vez a Igreja era perseguida, razão pela qual as almas verdadeiramente católicas rezavam a Deus pela Igreja e pelo Papa. O Beato assim se expressava: *“Oh, que Deus dê força e luz a todos os que governam a Igreja, para que os lobos não entrem no redil e roubem as ovelhas. Jesus, Maria e José, protegei a Igreja; protegei e iluminai os seus pastores”*⁷⁷. *“Rezemos pelo Papa, para que Deus o ilumine no governo de seu navio no turbulento mar de nossos dias”*⁷⁸. E, quando a Igreja teve dificuldades com o governo fascista, o Beato pensava da seguinte forma, que expressou em um de seus sermões: *“lembremo-nos, católicos, nestes momentos de dores e sofrimentos que a nossa Mãe Igreja está atravessando, das palavras com as quais o papa conclui a sua encíclica sobre o fascismo: ‘o Santo Padre espera muito do imenso coro de orações que sobe a Deus de todas as partes do mundo em sua intenção, e isso porque na oração tudo é divinamente premeditado e, ainda que ela não nos dê a tranquilidade material, nos proporcionará paciência cristã, santa coragem e inefável satisfação em sofrer por Jesus e pela juventude, tão queridos do Sumo Pontífice, até a hora da vitória da verdade e do bem’”*⁷⁹.

9) Submissão e obediência às autoridades eclesásticas e superiores religiosos: O Beato amava a Igreja, se identificava com a sua forma de presença, tomava como

⁷⁶ *Proc. E*, 2, art. 2.

⁷⁷ *Proc. C*, VI, 1.

⁷⁸ *Proc. Ibidem* 10.

⁷⁹ *Pro. A*, IV, 5.

sua a missão da Igreja e de sua Congregação. Tinha uma grande estima pelas autoridades eclesiásticas e religiosas. Se submetia e obedecia rigorosamente aos preceitos e desejos das autoridades. Observava fielmente a Regra e as Constituições da Congregação, como também as leis canônicas da Igreja.

Poder-se-ia dizer que o êxito de sua missão está na fiel e extraordinária obediência às autoridades eclesiásticas e religiosas e às prescrições da Igreja. O Monsenhor Ernesto de Paula, então vigário geral da Arquidiocese de São Paulo, escreve: *“desde o princípio comecei a admirar o seu espírito de obediência e de pobreza, porque sendo a paróquia de Poá carente de tudo, portanto pobre ao extremo, o Pe. Eustáquio mostrava-se satisfeito e disposto ao trabalho árduo... Com o passar do tempo, a Cúria de São Paulo pôde verificar que na realidade o Pe. Eustáquio era um modelo de sacerdote, um autêntico homem de Deus, cheio de zelo pelas almas, senhor de uma caridade sem limites, de uma mansidão extraordinária e sobretudo de uma obediência sem restrições”*⁸⁰. O cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, escreveu: *“declarou-me o arcebispo de Belo Horizonte que tinha um bom conceito do espírito sacerdotal do Revmo. Pe. Eustáquio, sobretudo pela inteira e humilde obediência com que acatava as determinações da autoridade eclesiástica”*⁸¹. E o seu provincial, Pe. Gil van den Boogaart, a propósito do retiro forçado do Pe. Eustáquio na Fazenda de São José, declara: *“convém acrescentar que o Pe. Eustáquio foi para esta fazenda em obediência ao seu superior, apesar de sentir-se descontente por não poder continuar mais tempo no Rio; ele não manifestou este descontentamento em palavras,*

80 Pe. Elfrink Alfredo, *“Artigos e posições”*, art. 131.

81 *Ibidem*.

mas pude notá-lo através do seu semblante, que parecia expressar uma exclamação ‘que pena!’ por não poder fazer o bem que desejaria. Por grande que fosse a repugnância do homem, o religioso obedeceu; venceu, vencendo-se a si mesmo, sem fazer nenhuma observação à voz de seu superior. Posso dizer que foi numa ocasião como essa que fui reforçando em mim a convicção de que havia ali algo mais que um sacerdote e um religioso”⁸².

A obediência exigiu do Beato grandes sacrifícios por ocasião:

- De sua *saída de Poá*, como fórmula para resolver o problema dos milhares de fiéis que chegavam cada dia à Paróquia.
- Da *saída do Beato da cidade do Rio de Janeiro*.
- Do seu *permanecer escondido na Fazenda de São José*, meio necessário para acalmar as peregrinações do povo ou a aglomeração das multidões que o procuravam.
- Das *condições e regras impostas por seus superiores*, restringindo seus movimentos e atividades como sacerdote e como apóstolo da caridade para com os pobres e enfermos.
- Das *incertezas e indecisões dos superiores*, aos quais o Beato pedia conselhos e orientações.
- Das *incompreensões e dúvidas de seus irmãos* com relação à sua missão e à conveniência de sua atividade tão extraordinária.

82 *I Testemunho: Pe. Gil van den Boogaart*, Proc. Rio de Janeiro, ad. 12, b.

E, não obstante, em todas as circunstâncias de sua vida, seguia humildemente as ordens recebidas, dando sempre provas de reconhecer nos superiores a manifestação da Vontade de Deus.

Ele próprio ajudava os superiores no discernimento para poder encontrar soluções que correspondessem à Vontade do Senhor; ajudava-os com a oração, com sua total disponibilidade e com indicações concretas que ele mesmo fazia, e que facilitavam e ofereciam novas possibilidades nos momentos difíceis. Neste sentido, escreve ao seu superior provincial, o Pe. Marie-Joseph Bisschop, residente na Holanda:

“... Eu estou aqui escondido numa fazenda, onde celebro a missa e me ocupo com o cuidado das almas de 800 pessoas. Por que escondido? Esta é a vontade do núncio. Nestes últimos tempos ocorreram algumas curas com uma bênção que eu dei a um ou outro infeliz enfermo, e agora o povo e também o clero me perseguem para obter curas. Compreenderá que isso provoca tumultos. Mas o maior temor era que eu mesmo fosse suspenso se não permanecesse escondido, como estou atualmente de maneira provisória.

Já há algum tempo propus ao Pe. Gil ir para Portugal, mas ele não acha que seja bom. Agora eu gostaria de ir para a Argentina ou o Chile. Mas o superior acha que também essa proposta não é boa. Como é difícil permanecer escondido em um país desconhecido e depois ser castigado pelo povo! Desejaria que o senhor tomasse uma decisão a meu respeito, se as circunstâncias não mudarem, mandando-me para o estrangeiro, para Portugal ou outro lugar, para que eu fique livre da perseguição do povo”.⁸³

83 Carta de 14 de setembro de 1941, ao Pe. Provincial.

E ainda no dia 17 de setembro escreve ao seu pró-provicial, Pe. Gil van den Boogaart: *“em sua carta de 13 de setembro o senhor me pede uma resposta. Em primeiro lugar agradeço-lhe todas as suas fadigas para solucionar este caso, ainda que a solução esteja longe. Com a ajuda de Deus tudo terminará bem. Espero que o ajuste seja segundo os seus desejos, e que encontre o consentimento de todos os interessados. ‘Funda nos in pace...’. Esperamos sua chegada com grande paciência, e enquanto isso, continuo rezando: ‘accende lumen sensibus, infunde amorem cordibus’”*⁸⁴.

O abade do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, Thomas Keller, O.S.B, escreve esse testemunho sobre a obediência do Beato:

“Encontrei-me só três vezes com o Pe. Eustáquio, mas guardo desses encontros impressões inesquecíveis. Foi duas vezes no Rio de Janeiro, por ocasião de sua rápida passagem de Poá para a Fazenda São José, e uma vez em Belo Horizonte. Tinha ouvido falar dele em São Paulo. Dom Mamede tinha-me contado no Rio de Janeiro da cura de uma irmã Visitandina - se a memória não me falha, em São Paulo - com tantos detalhes, mostrando-me tão bem informado que não podia duvidar tratar-se de um fato singular. Tanto mais interessava-me ver não um milagre, mas a fisionomia espiritual do Padre e ver nele a repercussão das ordens eclesásticas, necessárias mas rigorosas, e para ele tão profundamente humilhantes. Enquanto me consta, ele já sabia da ordem de sua eminência para afastar-se da capital quando vinha ao mosteiro. Mas toda a sua atitude era de humildade simples, de paz e tranquilidade interiores. A impressão geral dos que no mosteiro tinham contato com ele era de um homem de vida interior e profundamente

84 Carta ao Pe. Gil, 17 de setembro de 1941.

te sobrenatural. Vendo isto, aproveitei das duas vezes que pude ainda encontrá-lo para o sacramento da penitência. Mostrou conhecimento profundo das coisas espirituais; era de estranhar isso num padre ocupado inteiramente na cura da alma do povo. Sentia-se o seu espírito de fé, inabalável, e uma bondade sem limites. Assim, as suas palavras iluminavam a alma e davam força espiritual preciosa. Estes contatos espirituais deram-me a certeza de que o Pe. Eustáquio não procurava a si mesmo no seu apostolado dos doentes. Compreendi-o também pela conversa com ele. A sua caridade desejava ardentemente a salvação para os homens. Este desejo ansioso fazia crescer constantemente o seu espírito de fé e a confiança nos meios que a fé coloca à nossa disposição. Julgava que tínhamos que contrabalançar com este meios a influência do espiritismo. Não se admirava que Deus fizesse milagres pela água benta conforme as fórmulas do ritual. Sentia-se somente um instrumento de Deus para a salvação dos homens. Por isso, a humildade como que natural, profunda, sem nenhuma afetação, foi nele um traço inconfundível. A sede imensa das almas, o espírito sobrenatural de fé e a humildade pronta a sacrificar cargo e nome impressionaram-me para sempre. Hospedado no palácio do Exmo. Sr. Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio Cabral, ouvi dele mais de uma vez que por um lado o Pe. Eustáquio se submetia perfeitamente às regras estabelecidas quanto à procura dos doentes, e aceitava humildemente neste assunto as disposições de um padre bem mais jovem, e que por outro lado, os resultados obtidos por ele, principalmente através das conferências organizadas para a páscoa, eram realmente fora do comum, e que por isso julgava ter feito uma boa aquisição para Belo Horizonte convidando o padre sem considerar as dificuldades surgidas em Poá e no Rio de Janeiro”⁸⁵.

85 *Documento nº 24*, de 16 de Julho de 1957.

10) Espírito de oração e de penitência: Como verdadeiro Beato, Pe. Eustáquio van Lieshout sabia perfeitamente que a glória de Deus e a salvação das almas, às quais estava consagrada toda sua vida apostólica e toda sua vida, não se obtinha a não ser pela união com Cristo na cruz, Cristo crucificado, segundo aquilo que São Paulo aos Gálatas: *“fui crucificado com Cristo na cruz”* (Gál 2,19), ou ainda *“quanto a mim, que eu não me glorie a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo”* (Gál 6,14). Por isso o Beato era um homem de oração e de penitência, como se pode constatar também por este seu escrito, que apresentamos como exemplo: *“não haveremos de pensar de modo algum que só se pode fazer penitência corporalmente, também espiritualmente podemos fazê-lo. Calar quando se quer falar não é penitência? Falar bem quando se queria falar mal não é penitência? Afastar um pensamento que agrada ao nosso coração, mas que desagrada a Deus, não é penitência? Perdoar insultos, agravos, desprezos e ofensas não é penitência? Abster-se de alguma coisa que não nos prejudica não é penitência?”*⁸⁶.

11) Programa de vida espiritual: Em vistas a progredir nos caminhos do Senhor e a obter frutos abundantes na salvação das almas, o Beato se propôs um programa de vida espiritual, ao qual procurava acomodar a sua própria vida. Ei-lo aqui: *“como haverei de começar o dia? Como haverei de me preparar para a meditação? Como haverei de celebrar a santa missa? Como haverei de agir no confessionário com os homens, com as senhoras, com as crianças, com os atrasados? Como haverei de me preparar para a homilia, quais serão sempre as minhas conclusões? Como haverei de falar e conversar com o mundo? Com os homens, com prudência; com as mulheres, com mais pru-*

86 *Proc. B*, III, 32.

*dência ainda. O que terei de evitar nas conversas? Não falar sobre ausentes sem precisão; nem julgar o próximo; sempre desculpar o próximo, enquanto possível. Como terei de falar com os superiores? Simplesmente, sem afetação, sem adulação, com respeito”.*⁸⁷

Considerando este programa de vida espiritual, podemos entender bem aquelas expressões que saíam do coração do Beato: *“Duas forças dentro de mim: uma força que me puxa para a terra, outra para o céu. Uma força do demônio, outra de Deus. Quando eu me der por vencido pela força diabólica terei caído na maior miséria espiritual possível, e terei quebrado o equilíbrio das duas forças. Por qualquer motivo de paixão que minha alma se separe um pouco que seja do seu criador, logo sente a maior miséria entrar no coração. Ah, se pudéssemos fugir sempre do que é pequeno. Oh, se fosse o meu olhar sempre um olhar puro, que se dirigisse diretamente para Deus. Ah, quando chegará o tempo em que tudo deste mundo será transparente para mim? Ah, quando cessarei de enganar a Deus e ao mundo, quando serei verdadeiro, quando serei a verdade (que: ‘non dolus sit in me’) que procura puramente a glória de Deus? E que o meu corpo seja pouco atendido - muito maltratado, como se trata a um escravo -, pois o meu corpo, com todas as suas exigências, representa o maior inimigo da minha vida. É necessário, pois, lutar. Lutar sem tréguas”.*⁸⁸

87 *Proc. E*, 11.

88 *Ibidem*, 12.

Conclusão

De um estudo atento da vida e dos escritos do Pe. Eustáquio emerge claramente, pois, uma extraordinária vida espiritual, que ao nosso juízo só pode proceder de uma alma totalmente unida a Deus, muito religiosa e cheia de um verdadeiro espírito apostólico: alma de oração e de vida ascética, praticada antes de ser pregada aos outros. Esta união com Deus, este espírito de oração, se manifesta de modo palpável nestas sentenças, verdadeiro compêndio de vida espiritual, que o Pe. Eustáquio escreveu e tinha continuamente diante dos olhos em seu breviário, como expressão daquilo que ele tinha dentro do seu coração:

*“Pela misericórdia de Deus
as almas dos fiéis defuntos descansem em paz.
Doce me orare.*

*Oh, meu Jesus, pelo sangue que derramaste,
pelas lágrimas de tua mãe,
pela intercessão de São José
e de todos os santos,
ajudai-me e salvai-me!*

*Rico Coração de Jesus,
tende piedade do meu pobre coração.
Jesus, salvai-me!
In te Domine speravi non confundar in aeternum!
Sacris Cordibus honor et gloria.*

*São José, rogai por nós!
Jesus, Maria, José!
Em vossas mãos, oh meu Jesus,*

*encomendo o meu espírito!
Meu Jesus, misericórdia!
Louvemos noite e dia os nomes
de Jesus, José e Maria!”.*

E, finalmente, eis aqui uma daquelas que poderíamos chamar “elevações” de sua alma:

*“Meu Jesus, os vossos passos quero seguir,
as suas palavras falar,
a sua cruz carregar,
o seu sangue beber,
o seu corpo comer,
o céu alcançar
e o pecado detestar”.*

Roma, 2 de fevereiro de 1998

Angel Lucas ss.cc.

Graças e favores comunicar ao

Secretariado Nacional da Causa de Canonização

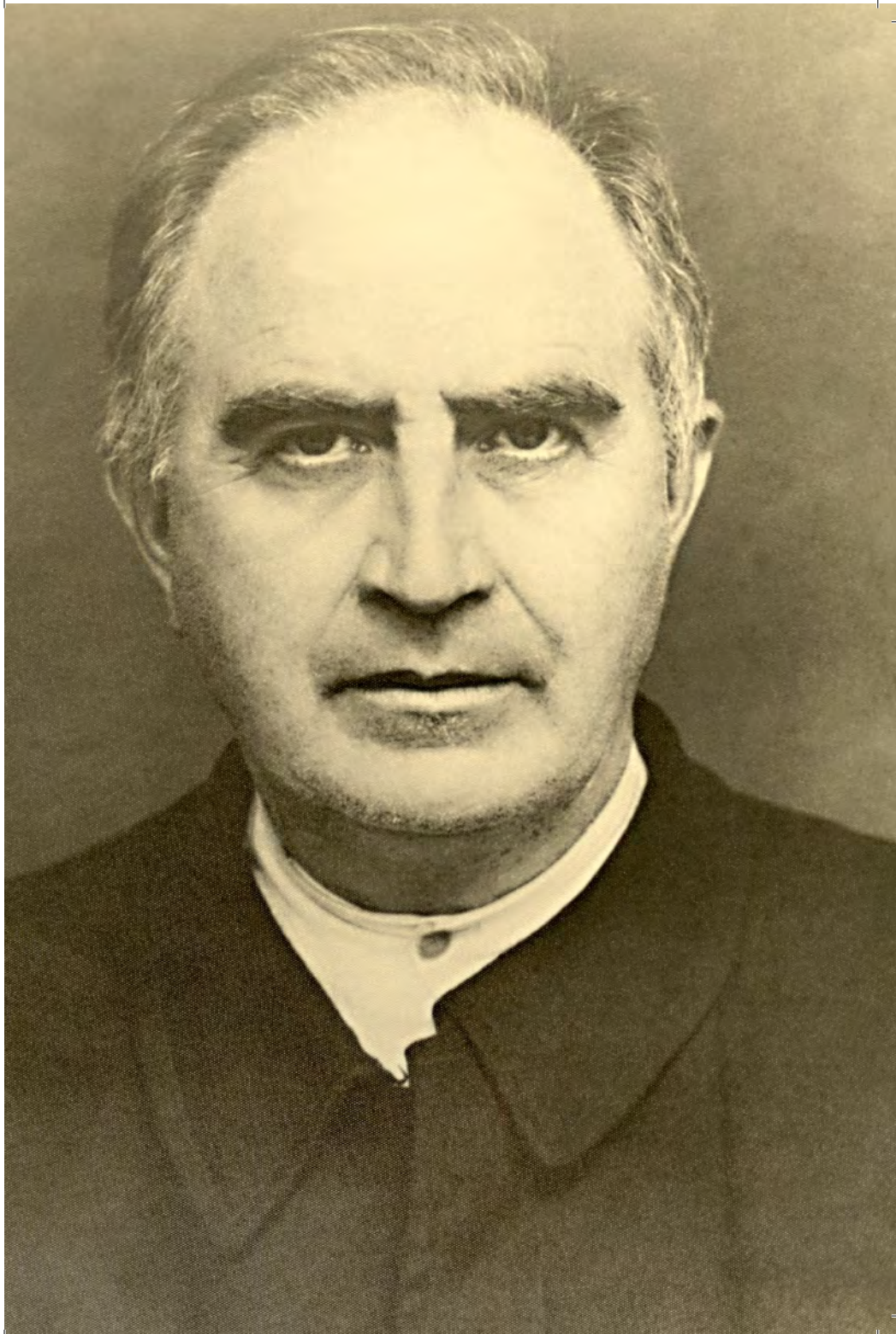
Rua Padre Eustáquio, 2355

Bairro Padre Eustáquio

CEP: 30720 100 - BELO HORIZONTE / MG

30 de agosto de 2022

padreeustaquio.com.br

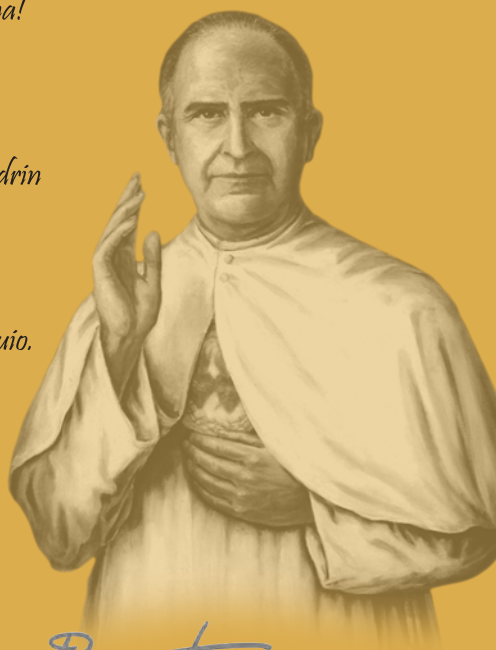


*"Padre Eustáquio:
Homem do povo
Homem que amou intensamente,
Homem que teve dó do povo
Homem de coração simples
Em cujo coração fizeste maravilhas
Tudo por ti senhor! Tua pessoa ilumina!
Tua pessoa arrasta!
Olha para nós Senhor!
Dá-nos coragem de apóstolo do amor
Dá-nos o zelo de um José Maria Coudrin*

*o amor de um Damião,
o entusiasmo de Mateo,
a simplicidade de um Eustáquio.*

E continuaremos tua obra Senhor:

*No anúncio,
na restauração,
na adoração,
no silêncio,
na expiação,
no sofrimento,
na entrega,
na imolação,
no Amor."*



*Beato
Eustáquio*

D. Luiz Mancilha Vilela, S.S.CC.